

Alternativa ao caos

Página Central



Sara Soares, 31 anos, gerente de um estúdio de animação, vai ao trabalho diariamente de bicicleta

FLÁVIO DUTRA/JU

*** As ciclovias existentes não foram pensadas para a locomoção diária**

Mobilidade urbana A cidade de Porto Alegre tem um longo caminho a percorrer para tornar-se exemplo em serviços oferecidos aos ciclistas.

A capital dispõe de apenas 3,5 km de ciclovias construídas, voltadas unicamente ao lazer e não ao deslocamento funcional dos usuários. Para o professor

do Laboratório de Sistemas de Transportes da UFRGS João Fortini Albano, os maiores problemas são a inexistência de ligação entre as vias e a falta

de interação com os transportes coletivos. Na UFRGS, a única estrutura existente são alguns paraciclos. Na opinião dos ciclistas que frequentam os

espaços da Universidade faltam sinalização e segurança para que mais pessoas sejam incentivadas a circular entre os Câmpus utilizando bicicletas.

*** A violência e a falta de respeito no trânsito geram medo entre os ciclistas**

MEDICINA

O desafio de evitar lesões esportivas



P11

CADINHO ANDRADE/JU

Estêncil
Pintura de rua conquista espaço como forma de arte



P12

FLÁVIO DUTRA/JU

Ansiedade na infância pode ser vencida

Especialistas afirmam que pais ansiosos que não buscam tratamento representam um fator de risco para a ansiedade infantil se manifestar. Segundo a psiquiatra Gisele Manfro, do Programa de Pós-graduação em Psiquiatria da Faculdade de Medicina da UFRGS, isso acaba criando um ambiente hostil que impede a criança de enfrentar seus medos. Entre os tratamentos para o problema estão exercícios respiratórios e de relaxamento corporal. **P5**

Palestina busca reconhecimento pela ONU

A Autoridade Palestina deve pedir às Nações Unidas o reconhecimento de um Estado formado pela Cisjordânia e pela Faixa de Gaza. A iniciativa, à qual Israel e EUA são contrários, tem caráter simbólico. Ela contempla a solução mais aceita para o conflito: dois estados que dividam as terras sagradas para a religião de seus povos, por eles ocupadas em diferentes períodos históricos. Atualmente, as negociações pela paz estão paralisadas. **P10**

PÓS-GRADUAÇÃO

O foco do curso de Estudos Estratégicos Internacionais P7

artigo Programa de recuperação do Dilúvio une UFRGS e PUCRS **P2**

Espaço da Reitoria

Carlos Alexandre Netto
Reitor

Excelência acadêmica

A construção da excelência institucional é processo constante e dinâmico de conquista de qualidade e primazia. Para a universidade contemporânea, a excelência acadêmica presume a qualidade nos diversos níveis de ensino, na geração de conhecimento e inovação, na cultura e nas relações com a sociedade. É o crescimento virtuoso e equilibrado em todos os seus aspectos.

O recentemente divulgado *Webometrics Ranking of World Universities*, que avalia a visibilidade na internet das instituições de ensino superior, traz a Universidade Federal do Rio Grande do Sul na terceira posição na América Latina, tendo à frente apenas a Universidade de São Paulo e a Universidade Autónoma do México. Ocupando a 150.^a posição mundial no mesmo ranking, a UFRGS avançou mais

de 140 posições no contexto mundial e três no latino-americano desde 2010.

A conquista da segunda posição entre as universidades brasileiras demonstra que a UFRGS vem trilhando o caminho de destacada inserção no cenário nacional e internacional. A percepção internacional da qualidade tem como base a relevância da produção científica institucional, a capacidade de formar lideranças em todos os níveis de ensino e de dialogar com instituições globais por meio do intercâmbio de estudantes e professores. É o fruto do trabalho iniciado no ato de sua criação, há 76 anos, e que materializa o esforço dos milhares de pessoas que contribuíram para a sua história.

Alcançar esse patamar, no momento em que a UFRGS faz uma expansão histórica da graduação e da pós-graduação, reafirma que é

possível ampliar o ensino e crescer em qualidade. Políticas acadêmicas estão em curso para consolidar essa posição, como o apoio irrestrito ao ensino, às ações de internacionalização e aos programas voltados à permanente qualificação dos quadros – como as atividades de aperfeiçoamento, o aumento do número de bolsas e a retomada dos concursos para professor titular.

Ao figurarmos em posição destacada em ranking que avalia instituições no âmbito mundial, não podemos deixar de comemorar e, ao mesmo tempo, expressar nosso reconhecimento a toda a comunidade universitária pelo esforço e dedicação. Diante do sucesso institucional ora alcançado, reafirmamos a grande responsabilidade de consolidar uma relação cada vez mais transformadora entre a universidade e a sociedade.

UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS | CEP 91046-900
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

Reitor
Carlos Alexandre Netto
Vice-reitor
Rui Vicente Oppermann
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretário de Comunicação Social
Flávio Porcello

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação mensal da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497

Conselho Editorial
Cassiano Kuchembecker Rosing, Cesar Zen Vasconcelos, Daltro José Nunes, Edson Luiz Lindner, Fernando Cotanda, Flávio Porcello, Maria Heloisa Lenz, Maria Henriqueta Luce Kruse, Ricardo Schneiders e Rudimar Baldissera

Editora-chefe
Ánia Chala
Repórteres
Caroline da Silva, Everton Cardoso e Jacira Cabral da Silveira
Projeto gráfico e diagramação
Juliano Bruni Pereira
Fotografia
Flávio Dutra
Revisão
Antônio Falcetta
Bolsistas
Dalane de David, João Flores da Cunha e Luiz Eduardo Kochmann (jornalismo), Elisa Bortolini e Marina Segalin (relações públicas)
Circulação
Márcia Fumagalli
Fotolitos e impressão
Gráfica da UFRGS
Tiragem
12 mil exemplares

Memória da UFRGS

1954

Primeiro aniversário do Centro de Pesquisas Físicas da Universidade. A partir da esquerda, o reitor Elyseu Paglioli e os professores Antônio Estevam Pinheiro Cabral e Gerard Hepp, entre outros, observam um equipamento.



WWW.LUME.UFRGS.BR/JU

Bailes da Reitoria

O JU está à procura de pessoas que tenham participado dos bailes realizados no Salão de Festas da reitoria nos anos 1950 e 65. Se você frequentou ou conhece alguém que tenha frequentado, entre em contato com o Jornal. Estamos buscando depoimentos e fotos daquele período.

► CONTATO PELO TELEFONE 3308-3368 OU PELO E-MAIL JORNAL@UFRGS.BR.

Mudança de endereço

Os servidores que desejarem ter seus endereços alterados para recebimento de correspondências da UFRGS, como o Jornal da Universidade e o contracheque, devem dirigir-se à Divisão de Cadastro e Registro da Pró-reitoria de Gestão de Pessoas (Av. Paulo Gama, 110 - 4.^o andar). Mais informações pelo telefone 3308-3045.

Artigo

Bacia do Arroio Dilúvio: um futuro possível

Ao visitar o arroio Cheong Gye Cheon no centro da cidade de Seul, Coreia do Sul, tem-se a impressão de estar adentrando em um parque de lazer multipalco. Ouve-se a orquestração do som da água limpa corrente entre pedras caindo em pequenas cascatas, assiste-se a cenas com namorados flertando à beira do arroio e refrescando os pés imersos na água, vagueia-se entre exposições de arte nos caminhos ao longo do leito do curso d'água e, à noite, contemplam-se espetáculos de som e luzes. Crianças, jovens e adultos por todos os lados curtem esse parque linear, em atividade durante vinte e quatro horas por dia, todos os dias do ano.

O parque com 5,6 km de extensão foi construído no lugar onde antes havia uma estrada de concreto com dez pistas de largura e que escondia o arroio utilizado como canal de esgoto ao longo de muitas décadas. Sobre esta estrada também havia sido construída uma autopista elevada adicional

com mais quatro vias. Aproximadamente 180 mil carros passavam por ali diariamente até 2002!

Com a revitalização do arroio, toda essa superestrutura foi demolida para a construção do parque. Soluções específicas foram encontradas para as questões sanitárias e ambientais do arroio e para as de mobilidade urbana e de recuperação histórica, entre outras. Como resultado, foi construído um espaço de lazer que mudou radicalmente o centro de Seul e o modo como as pessoas passaram a interagir com o arroio.

Num futuro possível, de forma semelhante ao ocorrido no arroio coreano, o Arroio Dilúvio será recuperado e os visitantes descreverão:

“Ao visitar o Arroio Dilúvio, na cidade de Porto Alegre, Brasil, tem-se a impressão de estar adentrando um parque de lazer, um espaço para o compartilhamento entre humanos e a natureza, onde se ouve a água límpida escorrendo entre fendas e arbustos... e com a qual é prazeroso interagir... e

ficar algumas horas com a família...”

Para viabilizar esse futuro possível, a UFRGS e a PUCRS estão iniciando um trabalho de parceria com as prefeituras dos municípios de Porto Alegre e Viamão para a construção de um programa de recuperação da bacia do Arroio Dilúvio, agregando esforços aos que já estão em andamento por iniciativa dos poderes públicos envolvidos.

Com o programa Bacia Arroio Dilúvio: Um Futuro Possível, a UFRGS poderá agregar competências da sua comunidade acadêmica para contribuir com propostas que encaminhem soluções para os inúmeros problemas associados à bacia que banha Porto Alegre e Viamão e deságua no Lago Guaíba, contando também com a participação ativa da sociedade.

O que se espera de todos é que, além de ser fonte importante de proposições construtivas e técnicas em prol da bacia, também se engajem na educação ambiental, na coleta de dados para subsidiar as

soluções técnicas e sociais, no resgate histórico da bacia e nas demais demandas que surgirem durante e após a execução desse projeto, que se pretende que se torne um movimento cívico de importante alcance ambiental, social e também econômico.

Reuniões periódicas têm acontecido entre as partes para equacionar o alcance do programa. Gradativamente, e em momento oportuno, toda a comunidade acadêmica da UFRGS e da PUCRS será convidada para participar da montagem do programa ou do encaminhamento de soluções técnicas. Pretende-se que um protocolo de cooperação deva ser assinado entre as duas universidades e as duas prefeituras envolvidas em setembro, o que deverá formalizar o trabalho conjunto que, então, se iniciará. Para maiores detalhes, ver <http://paginas.ufrgs.br/arroiodiluvio>.

João Edgar Schmidt
Pró-reitor de Pesquisa

RAUL KREBS/JU



Ilustração de Laura Castilhos para o livro *Ervilina e o Príncipe ou Deu a Louca em Ervilina*

Exposição

Arte de narrar em destaque

Como uma ilustração pode ajudar a contar uma história? Texto e imagem devem sempre manter estreita relação, ou as dissonâncias são permitidas? Discutir as formas de entrelaçamento entre narrativa e ilustração é um dos objetivos da exposição *Ilustração: Arte de Narrar*, que a Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes da UFRGS inaugura em 21 de setembro. A mostra faz parte de um ciclo de atividades com entrada franca voltado à ilustração e integra a programação cultural do 5.º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária (5.º Cebeu).

A exposição reunirá trabalhos de cerca de 40 artistas ilustradores, incluindo a produção dos integrantes do Núcleo de Ilustração e Quadrinhos do Instituto de Artes (NIQ) e do acervo histórico do Instituto de Artes, formado por obras dos mestres João Fahrion e Francis Pelichek. Entre os artistas selecionados, alguns são oriundos do Rio Grande do Sul ou aqui fixaram sua produção, tais como Aline Daka, Ana Terra, Cristina Biazetto, Edgar Vasques, Edu Oliveira, Eduardo Vieira da Cunha, Fábio Zimbres, Guazzelli, Hermes Bernardi Jr., Jaca, Kyoko, Laura Castilhos, Luís Fernando Veríssimo, Mara Caruso, Marília Pirllo, Moa, Nara Amélia, Paula Mastroberti, Pedro Alice, Pilar Prado, Rodrigo Núñez, Tatiana Sperhake, Teresa Poester e Vit Nuñez.

A professora Patrícia Bohrer, que divide a curadoria da exposição com os colegas Laura Castilhos, Rodrigo Núñez e Maíra Coelho, explica que o ciclo de atividades visa reconhecer a ilustração como uma linguagem visual contemporânea de extrema importância. “Queremos valorizar esse campo de atuação profissional que é a ilustração, reconhecendo-a como uma

arte legítima. No Rio Grande do Sul temos vários exemplos de grandes artistas que são ilustradores. Um dos objetivos dessa mostra é também reunir nomes já consagrados com talentos muito jovens, colocando todos no mesmo espaço e permitir uma troca de experiências”, ressalta a curadora. Ela acrescenta que a formação desses artistas é algo que está em desenvolvimento dentro da própria Universidade, já que o Instituto de Artes tem entre seus professores vários ilustradores.

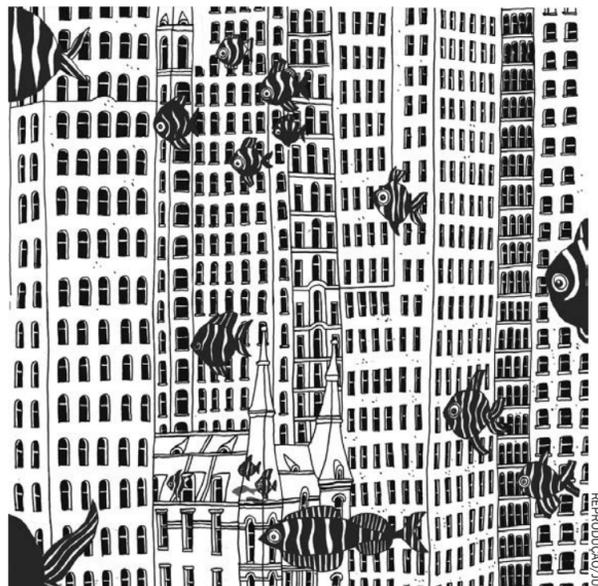
Patrícia destaca que, além da produção de ilustrações para materiais impressos, esses artistas hoje encontram excelentes oportunidades na área da publicidade, da produção de jogos e brinquedos infantis, da animação e da pesquisa.

Além da exposição, a Pinacoteca irá promover, nos dias 4 e 5 de outubro, das 14h às 17h, um seminário para debater a presença da ilustração no contexto acadêmico do Instituto de Artes, o campo de atuação profissional dos ilustradores, a narrativa visual e textual. Participarão do encontro os professores do IA/UFRGS Paulo Gomes, Paula Ramos, Rodrigo Núñez e Laura Castilhos, além dos convidados Annete Baldi (sócia fundadora da editora Projeto e presidente do Clube de Editores do RS) e Christina Dias (escritora). Também integram o ciclo de atividades as seguintes oficinas: ilustração infanto-juvenil; meios e suportes; a narrativa das imagens; e livro de artista.

A mostra tem o apoio do Departamento de Difusão Cultural da Pró-reitoria de Extensão e poderá ser visitada até 11 de novembro, de segunda a sexta-feira, das 10 às 18h. A Pinacoteca do Instituto de Artes funciona na Rua Senhor dos Passos, 248 – 1.º andar. Mais informações pelo telefone 3308-4302.



Pedrita com Ariel do livro *A pedra encantada*, ilustrado por Nara Amélia



Peixe, ilustração de Guazzelli

Carreira universitária

Professor titular tem novas regras

Foram divulgadas em 19 de agosto as normas para a realização de concurso para professor titular e os departamentos da Universidade que têm direito de promover as seleções pelo período de doze meses. Uma comissão especial de três professores titulares, formada por Flávio Wagner, Celso Loureiro Chaves e Suzana Samuel, elaborou as propostas que foram aprovadas pelo Conselho Universitário. O reitor Carlos Alexandre Netto salientou que as novas regras contemplam, prioritariamente, a senioridade e a liderança acadêmica do professor, além da sua capacidade de produção de conhecimento e de formação de pessoas. (AI/Secom)

Expansão

Câmpus no Litoral Norte é formalizado

O Câmpus da UFRGS em Tramandaí é um dos 47 novos câmpus que tiveram a criação anunciada em 16 de agosto pela presidente Dilma Rousseff, como parte do plano de expansão da Rede Federal de Educação Superior e Profissional e Tecnológica. Em solenidade que contou com a presença dos ministros da Educação, Fernando Haddad, e da Casa Civil, Gleisi Hoffmann, dos presidentes da Câmara dos Deputados, Marco Maia, e do Senado, José Sarney, a extensão da Universidade no Litoral Norte foi formalizada pelo Ministério da Educação como “ação prioritária”. Serão criadas em todo o país quatro universidades e 208 novos institutos federais de educação tecnológica. No ato, a presidente também encaminhou ao Congresso um projeto de lei para a contratação de servidores e a abertura de novos cargos, o que permitirá o início das atividades nas unidades recém-criadas. O terreno, de cerca de 150.000 m², localiza-se às margens da RS 030, a 9 km do centro da cidade – quase na divisa com Osório. Em torno

de R\$ 22 milhões, obtidos por emenda da bancada gaúcha na Câmara Federal e de recursos vindos do Ministério da Educação, já estão disponíveis. A partir de agora, é possível constituir a proposta didático-pedagógica, que deverá priorizar o desenvolvimento da localidade fora da temporada de veraneio, visando à sustentabilidade. Ainda não há definição dos cursos e do número de vagas a serem oferecidos. A sede da UFRGS no litoral também contará com um polo da Universidade Aberta do Brasil (UAB), ofertando cursos a distância. O reitor em exercício, Rui Vicente Oppermann, que acompanhou a cerimônia em Brasília, comemorou a inclusão do novo câmpus da Universidade: “É o reconhecimento de dois anos de trabalho junto à comunidade do Litoral Norte e à bancada gaúcha. Agora, o desafio é desenvolver o projeto. Ele deverá estar alinhado ao direcionamento dado pelo MEC de que haja uma identidade temática – que, no caso de Tramandaí, é a sustentabilidade”. (Assessoria de Imprensa/Secom)



UFRGS TV

Conhecendo a UFRGS

Graduação aproxima capital e interior num mesmo projeto de desenvolvimento

A conquista do diploma de ensino superior em uma instituição pública, gratuita e de qualidade: para muitos gaúchos que moram no interior do estado, esse ainda era um sonho distante. Com a necessidade de formar profissionais aptos a compreender as questões locais e preparados para atuar como agentes do desenvolvimento rural do Rio Grande do Sul, surgiu em 2007 o curso de Graduação Tecnológica em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural (Plageder). O curso teve origem no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR) da Universidade, ao qual está vinculado.

Oferecida na modalidade de ensino a distância, a graduação vem ao encontro da proposta do Ministério da Educação e Cultura (MEC) de interiorizar a oferta de cursos superiores. O projeto contribuiu para o fomento da Universidade Aberta do Brasil (UAB) – sistema integrado de universidades públicas criado em 2006 que oferece cursos de nível superior para quem tem dificuldade de acesso à formação universitária. Ao total, doze municípios gaúchos formam os polos presenciais do Plageder: Arroio dos Ratos, Balneário Pinhal, São Lourenço do Sul, Santo Antônio da Patrulha, Três Passos, Constantina, Quaraí, Itaqui, Camargo, São Francisco de Paula, Picada Café e Três de Maio.

O curso se estrutura em uma rede virtual de construção do conhecimento, que proporciona também encontros presenciais periódicos, realizados nos polos. A inovação da modalidade a distância é um desafio lançado a todos os alunos, tutores e professores.

Deonise Mrozinski Irgang, aluna do polo de Três Passos, diz que o ensino a distância possibilita ao aluno “organizar seu tempo, estar mais próximo da Universidade por intermédio da internet e do polo, e ter acesso às informações e a livros via web”.

Com duração reduzida, o curso se estrutura em seis semestres. As atividades possibilitam aos alunos compreenderem e interpretarem o desenvolvimento agrário nos âmbitos local, regional e nacional.

O agricultor Dirceu Clécio Santin, de Constantina, em final de curso, conta que já está montando seu próprio negócio no município. Para ele, “o programa foi fundamental para o desenvolvimento da gestão da propriedade”.

Karen de Souza del Mauro, aluna do 6.º semestre de Jornalismo

Assista aos programas

Para saber mais sobre o curso de Graduação Tecnológica em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural, assista ao programa **CONHECENDO A UFRGS**, que vai ao ar no dia 6 de setembro, às 20h, pela UNIVY, canal 15 da NET POA, com reprise às 23h.



Megaeventos esportivos

A preparação da capital carioca para receber a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016

A três anos da Copa do Mundo de Futebol de 2014 e a cinco das Olimpíadas e das Paraolimpíadas de 2016, o Rio de Janeiro, sede desses megaeventos, está mudando. Diversas obras estão sendo realizadas para preparar a cidade para receber os jogos – a maioria delas ainda em estágio inicial.

Os grandes eventos esportivos são vistos como uma oportunidade para investimentos que melhorem a vida dos habitantes das sedes – em especial, no caso da Olimpíada, concentrada em apenas uma cidade. A escolha do Rio pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), em outubro de 2009, foi comemorada pelo governo federal como uma grande conquista – a capital carioca venceu Madri, Tóquio e Chicago –, que refletiu a emergência do país no cenário internacional. Em 2007, a Federação Internacional de Futebol Associado (Fifa) havia anunciado que o Brasil, candidato único, iria sediar a Copa do Mundo de 2014. Além do Rio, outras onze cidades – entre elas, Porto Alegre – abrigarão os jogos.

A expectativa de que os megaeventos deixem um legado positivo é ainda maior no caso do Rio de Janeiro. Além da desigualdade social, característica das metrópoles brasileiras, há regiões da cidade que não estão sob o controle do Estado, mas do narcotráfico ou de milícias. Nos últimos anos, o governo estadual tem desenvolvido uma política de segurança pública de recuperação dessas áreas por meio das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs). A segurança é uma das maiores preocupações para 2016.

Alberto Reppold, professor da Escola de Educação Física (ESEF) e coordenador do Centro de Estudos Olímpicos da UFRGS, afirma que, “na história recente dos Jogos Olímpicos, foram poucas as ocasiões em que os investimentos feitos pelos governos trouxeram benefícios para os cidadãos da cidade-sede como um todo, pelo menos da forma como foram anunciados quando da candidatura ou mesmo durante o processo de preparação para os jogos”. Para ele, as Olimpíadas são um bom negócio apenas para parte da população: “No geral, as comunidades mais pobres e com menos capacidade de organização e mobilização política acabam sendo as que mais perdem. Já os segmentos ligados à indústria do turismo e à construção civil são os que mais lucram”.

Obras não aproveitadas – O Rio precisa superar a desconfiança despertada pelos Jogos Pan-americanos de 2007. Nesse evento, o orçamento inicial estourou e houve denúncias de superfaturamento de licitações, entre outros problemas. Teoricamente, as instalações do Pan serviriam para os Jogos Olímpicos.



As obras do estádio Maracanã, cujo custo final deve chegar a 1 bilhão de reais, devem estar concluídas até dezembro de 2012

cos. Na prática, não. O legado positivo do evento é a confirmação de que a cidade pode, sim, receber um grande evento. A estrutura que ele deixou, porém, terá pouca serventia.

O exemplo negativo é o do Parque Aquático Maria Lenk, que custou cerca de R\$ 100 milhões de reais aos cofres públicos, foi pouco utilizado depois do evento e não o será nas Olimpíadas, porque não atende às exigências do COI. A reforma do Maracanã realizada para aquele evento também não teve muita utilidade: o estádio está passando por uma reconstrução (leia destaque). Promessas de melhorias urbanas, como a despoluição da baía de Guanabara, que não foram cumpridas para o Pan, acabaram incluídas na candidatura olímpica da cidade.

Sobre os avanços ocorridos desde aquele evento, Alberto Reppold destaca que “os políticos e os gestores públicos, assim como a mídia e o meio acadêmico, estão mais esclarecidos sobre os benefícios e as dificuldades de organizar megaeventos esportivos. O mesmo ocorre com o público em geral. Várias medidas vêm sendo tomadas pelos governos federal, estadual e municipal, bem como pelo Ministério Público e pelo Tribunal de Contas, para evitar os erros cometidos nos Jogos Pan-Americanos. Algumas organizações populares têm buscado maior espaço e se manifestado de maneira crítica quanto a certos temas relacionados à organização dos Jogos”.

O novo Rio – Por conta dos megaeventos, o Rio está passando por um dos maiores processos de transformação

urbanística de sua história. A reforma promovida pelo prefeito Pereira Passos no início do século XX foi paradigmática, mas concentrada principalmente no centro da cidade. A proposta atual deve contemplar diferentes áreas – ao menos é essa a intenção dos governos estadual e municipal. Estes afirmam que as obras de mobilidade urbana irão beneficiar os moradores de bairros do subúrbio, como Madureira e Penha. Além disso, a degradada zona portuária será revitalizada.

A maior parte das instalações olímpicas será construída na Barra da Tijuca. O centro de imprensa da Copa de 2014 também ficará lá. A Barra é uma região afastada do centro da cidade, urbanizada a partir dos anos 70. Na década seguinte, houve uma explosão demográfica na área. Hoje ela é uma das zonas mais valorizadas da cidade, mas sem ligação eficiente a outras partes do Rio.

Em uma cidade cuja região metropolitana abriga mais de 11 milhões de habitantes, o problema da mobilidade urbana só pode ser resolvido com o incentivo ao transporte coletivo. Assim, as principais obras de trânsito no Rio de Janeiro priorizam essa forma de locomoção. Será implementado o sistema de Bus Rapid Transit (BRT), modelo desenvolvido em Curitiba e exportado para cidades de todo o mundo. Nele, tudo é orientado para a eficiência: além do corredor preferencial de ônibus, os embarques e desembarques são rápidos e as tarifas são pagas antes de o passageiro entrar no veículo. O BRT será integrado ao metrô e aos ônibus comuns.

Há três grandes obras viárias sendo

realizadas por causa das Olimpíadas: Transcarioca (corredor de ônibus entre a Barra e o Aeroporto Internacional Tom Jobim), Transolímpica (corredor de ônibus que ligará a Barra à região de Deodoro, onde ocorrerá parte dos Jogos) e Transoeste (nova via expressa que ligará a Barra ao bairro de Santa Cruz). O metrô está sendo expandido e haverá uma nova linha para ligar a Barra da Tijuca a Ipanema, passando por Leblon, Gávea e São Conrado. Essas obras têm variadas previsões de conclusão, mas todas deverão estar prontas antes de 2016. Elas formam um anel viário que envolve a Zona Sul, a Zona Oeste e o Centro da cidade.

Interesses econômicos – Luiz Cesar Ribeiro, professor do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR /UFRJ) e coordenador do Observatório das Metrópoles – rede nacional de pesquisa que estuda as transformações das principais metrópoles brasileiras –, tem uma visão crítica sobre os megaeventos. Ele afirma que estes estão sendo planejados “de maneira subordinada aos interesses econômicos e políticos associados aos projetos dos eventos. COI e Fifa não funcionam como atores desinteressados. Organizam-se os jogos de uma forma que gere renda para essas instituições”.

Segundo ele, a Copa e as Olimpíadas são vistas como uma “grande oportunidade de negócios” em um período de escassez, consequência da crise mundial. Ribeiro acrescenta que construtoras e

setores de hotelaria e turismo se associaram às entidades internacionais do esporte e “transformaram em negócios os megaeventos, pressionando os governos a viabilizarem as obras à luz dos próprios interesses”.

Alberto Reppold afirma que, por conta do alto investimento público nos megaeventos, o governo federal deveria tomar posição mais forte na organização. Em um evento recente da Copa de 2014, a presidente Dilma Rousseff se mostrou distante de Ricardo Teixeira, presidente do Comitê Organizador do evento e da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). O professor diz que isso “marca uma posição política de não atrelar o governo do país e o interesse público aos desejos de organizações privadas, como a CBF e a Fifa, cujos dirigentes se eternizam no poder e são associados a práticas ilícitas”.

Para Luiz Cesar Ribeiro, há um “embate” colocado atualmente: “Preparar a cidade para atender às demandas conformadas com os interesses dos grupos ou para beneficiar seus moradores. Em uma sociedade como a brasileira, o poder daqueles é grande, porque a população tem menos capacidade de intervir no processo para orientar os investimentos privados e públicos, no sentido de que sejam desenhados e realizados de acordo com as suas necessidades. Quem comanda os projetos das cidades-sede desses megaeventos são, principalmente, os interesses econômicos”, conclui.

João Flores da Cunha, estudante do 6.º semestre do curso de Jornalismo da Fabico

Cidade vê destruição do Maracanã e remoção de moradores

Inaugurado em 1950 para a primeira Copa do Mundo no Brasil, o Maracanã será um dos palcos da segunda edição do torneio realizada no país. O estádio está sendo reconstruído para sediar os jogos da Copa – entre eles, a final, em 13 de julho de 2014.

A demolição de um dos maiores símbolos do futebol brasileiro é alvo de críticas. No início de agosto, o Ministério Público Federal do Rio de Janeiro pediu a interrupção das obras na marquise do estádio, alegando que ele foi tombado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), e, portanto, não poderia sofrer modificações. A ação não foi aceita. O Iphan alega que o Maracanã não foi tombado por sua arquitetura, e sim por sua importância etnográfica

– é o palco de uma manifestação cultural brasileira. De acordo com os engenheiros responsáveis pela obra, a marquise estava comprometida.

O custo estimado da reforma do Maracanã é R\$ 1 bi. O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) já aprovou o financiamento de R\$ 400 milhões. O restante será bancado pelo governo do estado do Rio de Janeiro. A promessa feita por Ricardo Teixeira, quando da escolha do Brasil como sede da Copa, de que os estádios seriam pagos com capital privado não foi cumprida.

Em uma realidade distante das cifras milionárias das arenas da Copa, moradores estão sendo desalojados de suas casas – a maioria delas em condições precárias e/ou irregulares – nas

cercanias tanto do Maracanã quanto das obras de mobilidade urbana. Há denúncias de que as indenizações pagas pelo poder público são insuficientes para a aquisição de uma nova habitação – e que as realocações são para áreas muito distantes da antiga moradia. Em alguns casos, as remoções se deram à força.

Em abril, Raquel Rolnik, relatora especial do direito à moradia para o Conselho de Direitos Humanos da ONU, elaborou um comunicado em que critica as autoridades brasileiras pelas remoções não só no Rio de Janeiro. “Parece haver em todas as cidades um padrão de falta de transparência, consulta, diálogo, negociação justa e participação das comunidades atingidas em processos relativos a remoções já realizadas

ou planejadas no âmbito da preparação para a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos”, avaliou. Ela pediu a suspensão do processo de desalojamento e das obras “até que estejam assegurados os canais de participação, diálogo e negociação, e [sejam] planejadas adequadamente as possíveis realocações”, o que não foi atendido.

O professor da ESEF Alberto Reppold destaca que o Rio está cometendo erros identificados em eventos esportivos de outros países: “Pouca participação da população no processo de tomada de decisões; dificuldade de cumprimento de prazos e metas, em especial na infraestrutura urbana e nos projetos ambientais; carência de projetos sociais; transparência nos gastos públicos; e planejamento do legado”.

Passando a perna no

Saúde Com o apoio dos pais e da escola, a ansiedade na infância pode ser facilmente superada

Jacira Cabral da Silveira

Depois de cinco meses com medo de errar as tarefas determinadas pela professora e da possível crítica dos colegas, Monique foi encaminhada ao atendimento especializado de sua escola. Foi quando conheceu Mirta Perera de Castro, psicopedagoga e pós-graduada em psicometria que, durante 30 anos, trabalhou junto a escolas públicas pelo Centro de Atendimento ao Educando (CAE), em Porto Alegre.

Monique [nome fictício] estava na primeira série do ensino fundamental e não conseguia alfabetizar-se. Durante as sessões de atendimento psicopedagógico, que aconteciam duas vezes por semana, a menina transferiu esse medo de aprender a um dos desafios que Mirta lhe propôs: “Eu tinha encomendado umas pernas de pau para usar no trabalho com as crianças, e no começo Monique resistiu a experimentá-las”.

Quando aconteceram os primeiros passos, Mirta, à retaguarda, segurava a menina montada nas pernas de pau, bem longe do chão seguro. Nos próximos encontros, as atividades mudaram, mas o brinquedo continuava a ser oferecido à menina, que a cada vez fazia uma nova tentativa. “Tenho sempre certeza absoluta de que meus alunos vão desempenhar bem as atividades”, ilustra a especialista. Passados dois meses, Monique já procurava sozinha as pernas de pau; foi justamente nessa época que ela começou a ler e a escrever na sala de aula.

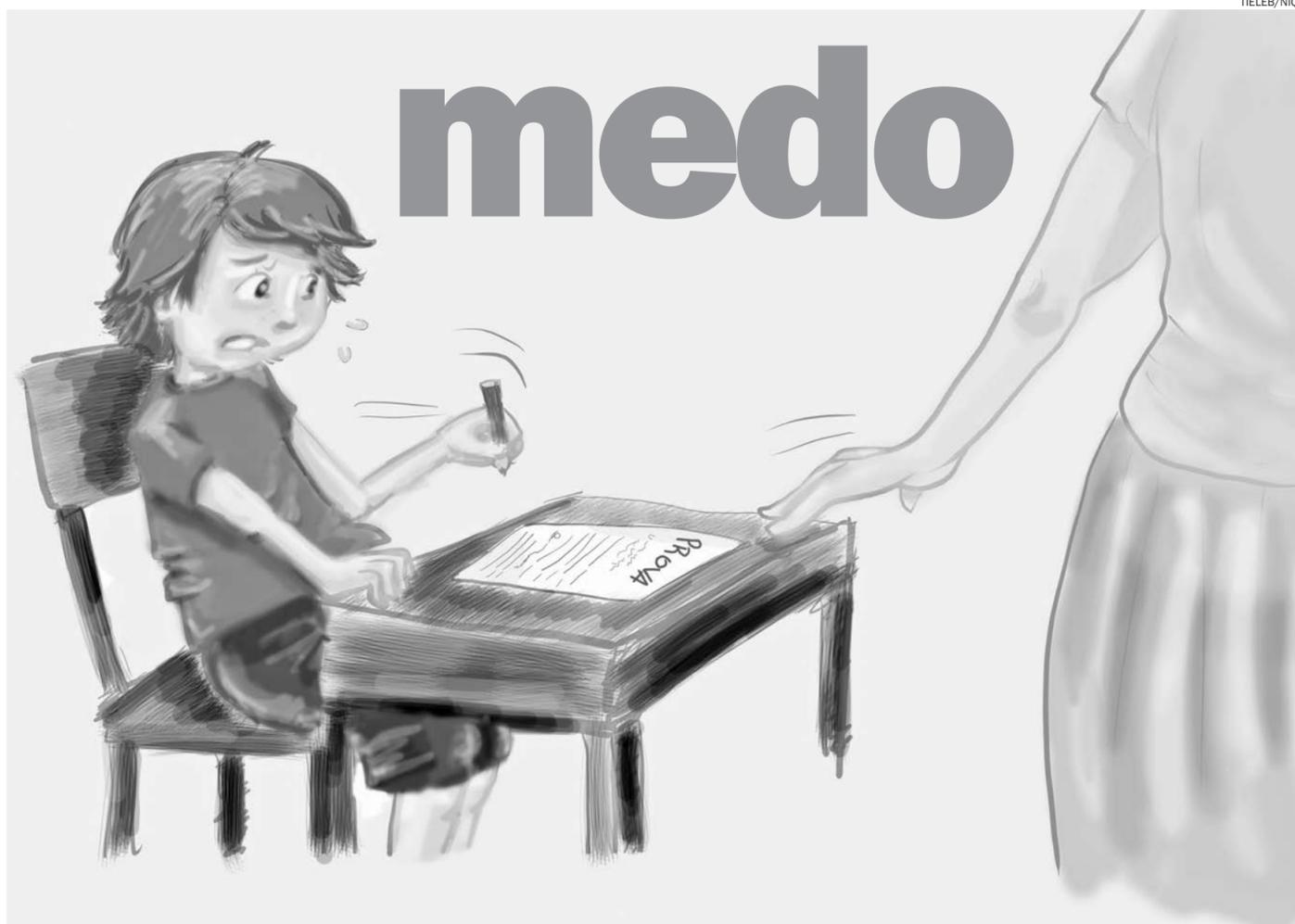
Conforme estudo desenvolvido em Tatuapé, São Paulo, uma em cada oito crianças brasileiras em idade escolar apresenta pelo menos um transtorno envolvendo sofrimento psíquico ou prejuízo social, necessitando de tratamento. Dados de um estudo norte-americano revelam ainda que os transtornos de ansiedade estão entre os mais frequentes, acometendo de 5 a 18% de todas as crianças e adolescentes.

De acordo com a psiquiatra Gisele Gus Manfro, do Programa de Pós-graduação em Psiquiatria da Faculdade de Medicina da UFRGS, a ansiedade é um sentimento normal que acomete todo ser humano em situações novas ou desafiadoras. No caso da criança, é comum se manifestar na idade escolar, quando começa a frequentar a creche ou a escola.

Mas quando a criança já está no terceiro mês de aula, e o medo persiste, como no caso de Monique, a situação exige atenção. “A ansiedade infantil é caracterizada por muitos medos e apreensões que podem dar sinais através de dores de barriga ou de cabeça, que a criança usa para evitar situações que a deixam ansiosa”, afirma a psiquiatra.

Suscetibilidade – As crianças com ansiedade são aquelas que apresentam uma vulnerabilidade biológica para isso. Todos temos várias características herdadas e que constam em nosso DNA – assim como hipertensão, alteração de colesterol, etc. –, mas que podem não aparecer nunca se a pessoa tiver hábitos saudáveis de vida e, no caso da ansiedade, se isso não for estimulado.

De acordo com Gisele, existem fatores de proteção e fatores de risco para a ansiedade se manifestar ou não na criança. Um dos fatores de risco são os pais ansiosos que não buscam



tratamento. “Eles acabam criando um ambiente hostil e de poucos recursos para que a criança possa enfrentar seus medos, pois não está instrumentalizada psicologicamente”, explica.

A mãe que tem medo de ficar sozinha quer que o filho fique agarrado a ela, e quando vai levá-lo à escola insiste em perguntar se ele tem certeza de querer ficar na escola, se ele vai ficar bem, se já pode ir embora mesmo, etc. Se a criança percebe que a mãe está com medo de deixá-la, pode entender que ela também deve ficar receosa e passar a duvidar daquele lugar novo. Essas crianças têm maior tendência a evoluir para um quadro de ansiedade.

Gisele observa, entretanto, que o que é herdado não é o transtorno, mas um jeito, como ser mais tímido ou mais expansivo, por exemplo: “São traços que não precisam ser patológicos, pois nem todos têm de ser superextrovertidos. Existe muito tímido bem-sucedido”, conclui.

Conforme o desafio – A idade em que é mais frequente ocorrer o transtorno de ansiedade depende da conjunção de fatores de risco e de proteção. Família tranquila, escola acolhedora, colegas legais protegem a criança. Por outro lado, se a família está enfrentando alguma dificuldade de saúde, se a escola não permite o tempo de adaptação, se a criança mudou de endereço, se trocou a babá repentinamente, etc., o terreno torna-se minado, propício para desencadear reações de ansiedade.

Dependendo da faixa etária, a ansiedade se manifesta de um jeito ou de outro. Quando são muito pequenos, aparece como *ansiedade de separação*, que é o medo de que algo ruim aconteça com a criança ou com um dos familiares se eles não estiverem juntos. São aquelas crianças que não deixam os pais saírem de casa ou que, quando a mãe vai trabalhar, ficam telefonando o tempo inteiro.

Se aparecer um pouco mais adiante, pode se manifestar como *fobia escolar*, que é o medo de ficar na escola. Depois, a ansiedade se caracteriza conforme o desafio daquela etapa da vida do indivíduo. Na adolescência, por exemplo, época importante de socialização, ela recebe o nome de *ansiedade social*, porque o maior desafio para o adolescente é se relacionar

bem com o outro. Ele está muito mais preocupado com o que os amigos pensam dele do que como seus pais o veem.

Encaminhamento – O problema da ansiedade não tratada é que pode resultar em depressão, mau desempenho escolar – porque a criança não fala suas dúvidas –, autoestima muito baixa, etc. Na adolescência, a ansiedade social não tratada pode levar ao uso de drogas, pois o jovem busca nessas substâncias força para vencer o medo do relacionamento com os outros.

Tanto no caso das crianças quanto no dos adolescentes, a escola tem função importante para a identificação desses transtornos. Porém, isso geralmente não ocorre, critica Gisele. O motivo, na avaliação da psiquiatra, é que esses indivíduos não tumultuam nem o cotidiano escolar nem a rotina de sala de aula, além de serem perfeccionistas: “A sensação que eu tenho é de que a gente está tão lotada, lidando com os bagunceiros, que desafiam, que têm hiperatividade, que a escola não vê os alunos com ansiedade”.

Mas, quando o adulto percebe o medo da criança de enfrentar determinada situação e a ajuda a enfrentá-la, estimulando-a a não desistir e mostrando que confia em sua capacidade para fazê-lo, essa criança aprende a não subestimar seus recursos psíquicos para ultrapassar seus obstáculos. Ela pode concluir: “Eu fico ansiosa, mas posso fazer essa prova; se não acertar todas as questões, não tem maior problema, as pessoas não vão deixar de gostar de mim se eu não conseguir fazer isso”. Esse é um comportamento que ela aprende, ilustra Gisele.

Mirta Castro comenta que as crianças chegavam receosas a sua sala, especialmente montada para trabalhar questões psicomotoras e psicopedagógicas. Mas esse sentimento se diluía em pouco tempo: “Eu trabalhava a partir do que elas sabiam, e não de seus medos”, ressalta. Embora não seja possível enumerar o número de crianças que atendeu ao longo de seus 30 anos de trabalho escolar, Mirta assegura que o sucesso de todos os casos deve-se também ao fato de ela nunca ater-se ao tempo de duração de cada tratamento ou à idade das crianças: “Desde o começo, tinha certeza de que ela [o aluno da vez] já estava bem”.

Projeto da UFRGS seleciona crianças

Um grupo de pesquisadores da Universidade, coordenado pela psiquiatra Gisele Gus Manfro e pela psicóloga Silvia Koller, selecionou em agosto 60 crianças de 7 a 11 anos de idade para participarem de um projeto de pesquisa para o tratamento gratuito da ansiedade infantil. Um dos objetivos do projeto é comparar a Terapia Cognitivo-comportamental em grupo (TCC) com o Tratamento com Modificação do Viés Atencional (TMVA) – uma nova opção de tratamento que utiliza um programa de computador para tratar questões relacionadas ao medo.

A Terapia Cognitivo-comportamental surgiu nos Estados Unidos no final da década de 50 e início da década de 60, e continua impactando a prática psicoterápica até hoje. Por ser uma abordagem integradora de áreas como a Psiquiatria, as Neurociências, a Psicologia Cognitivo-experimental e a Inteligência Artificial, seus estudos e aplicações têm alcançado resultados altamente eficazes e duradouros no tratamento das diversas psicopatologias. Um dos trabalhos do grupo de pesquisa da UFRGS será adaptar a TCC à realidade brasileira, com foco no público infantil.

Outro objetivo dos pesquisadores é testar o Tratamento com Modificação do Viés Atencional, que é um software para dessensibilizar o medo na criança. No caso do TMVA, as pesquisas são mais recentes, e o Brasil se insere nesse estudo em parceria com o National Institute of Mental Health (NIMH), por intermédio do pesquisador Daniel S. Pine, com quem vem diretamente trabalhando o médico Giovanni Abrahão Salum Júnior, também doutorando do PPG de Psiquiatria da UFRGS.

Estudos demonstram que crianças com ansiedade têm fixação em faces que expressam sentimentos negativos, como de terror, raiva e apreensão. “É como se um circuito cerebral encaminhasse a atenção da criança diretamente àquela imagem de medo e a tornasse mais apreensiva. As outras pessoas diluem essa figura negativa entre as demais, não ficam fixadas nela. Parte

do tratamento que vamos realizar é dessensibilizar essas crianças”, explica Gisele.

Ela refere-se ao teste do TMVA, que é aplicado a partir de um programa de computador que traz uma sequência de duas faces, uma raivosa e outra neutra, a partir das quais a criança deverá acionar o botão correspondente à face em que surgir um asterisco, que sempre leva a criança a mirar a face neutra. As faces utilizadas no programa são de autoria de Paul Eckman, considerado o maior especialista mundial na análise das emoções humanas e de suas expressões faciais.

O projeto de pesquisa envolve quatro intervenções diferentes, resultantes de arranjos entre o Tratamento Cognitivo-comportamental (TCC), o Tratamento com Modificação do Viés Atencional (TMVA) ativo (com o objetivo de dessensibilizar o medo na criança) e não ativo, e o Lúdico, espaço não terapêutico no qual as crianças receberão informações sobre ansiedade e farão atividades diversas.

O projeto compreende duas etapas, ambas com três meses de duração, compreendendo 10 sessões principais e duas de reforço. Para cada etapa serão selecionadas 60 crianças, sendo que todas aquelas que passarem pela triagem e não forem selecionadas poderão ser encaminhadas para outros tratamentos, quando necessário.

De acordo com a psicóloga Rafaela Behs Jarros, doutoranda do PPG em Psiquiatria da UFRGS, a expectativa do grupo é que o TCC mostre-se eficiente para o tratamento de crianças com diagnóstico de ansiedade, pois até hoje não existe protocolo de atendimento nesse sentido no Brasil. Ela comenta ainda que a segunda etapa do projeto buscará abordar a relação entre déficits de linguagem e aprendizagem em crianças ansiosas – se há ou não associação entre esses problemas: “O que vem antes e o que vem depois? É a ansiedade que gera a alteração na linguagem, ou é o contrário?”, antecipa.



Conhecimento protegido

Propriedade intelectual

Especialista alerta sobre os riscos enfrentados pelos pesquisadores que não registram os resultados de suas investigações

Jacira Cabral da Silveira

A questão da propriedade intelectual é tema recorrente dentro e fora da universidade. No último dia 10 de agosto, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/MCTI) e o Instituto Nacional de Propriedade Industrial (Inpi) se reuniram na sede do CNPq, em Brasília, para divulgar o Acordo de Cooperação Técnica firmado entre as entidades a fim de capacitar recursos humanos no processo de inserção da propriedade intelectual como ferramenta de inovação tecnológica.

O presidente do Inpi, Jorge Ávila, destacou a necessidade de articulação para disseminar o conhecimento. “Não adianta existir a legislação se o sistema nacional de pesquisa não estiver capacitado para gerar o conhecimento para a sociedade”, acrescentou.

Nesse sentido, desde a sua criação em 2000, a Secretaria de Desenvolvimento Tecnológico (Sedetec) da UFRGS tem ressaltado a importância do registro da propriedade intelectual junto a professores e alunos pesquisadores. Esse trabalho é feito por meio de palestras e encontros, nos quais são apresentadas as formas de proteger o conhecimento e feitos esclarecimentos quanto à redação de patentes.

No mês de agosto, o professor Adriano Rossi, da Assessoria Jurídica da Sedetec, ministrou o Seminário de Iniciação Tecnológica sobre Propriedade Intelectual e conversou com a reportagem do Jornal da Universidade sobre o tema.

JORNAL DA UNIVERSIDADE – O que é propriedade intelectual?

ADRIANO ROSSI – É toda a situação em que protegemos, de alguma forma, um conhecimento; é a proteção do intelecto, aquilo que é desenvolvido pelo pesquisador ou por uma pessoa que



A empresa Ouro e Prata, em Porto Alegre, utiliza um sistema de reaproveitamento de água para a limpeza de seus ônibus, desenvolvido na UFRGS

tem um grau de inovação. Dentro da propriedade intelectual existem diferentes áreas: a propriedade industrial, que se divide em marcas, patentes e desenhos industriais; e a propriedade como um todo, que é o direito autoral, a proteção dos softwares, dos cultivares (relativo a plantas e sementes). E existem formas diferentes de proteger cada um desses temas dentro da propriedade intelectual.

Qual é o momento de proteger?

Varia conforme a área. O direito autoral, por exemplo, não precisa de uma proteção específica. Ele nasce no momento em que é exteriorizada a obra pelo seu autor. É o direito de paternidade e que não requer uma proteção junto a um órgão competente. Porém é sempre interessante fazer o registro, no caso de ocorrer uma disputa judicial, porque ele comprova a anterioridade daquela paternidade sobre a obra. Na propriedade industrial, o momento certo é anterior a qualquer divulgação sobre o invento, uma vez que isso prejudicaria seu caráter de novidade – um dos requisitos básicos para o patenteamento.

Quem pode solicitar: instituições, pessoas físicas e/ou jurídicas?

O direito autoral (Lei n.º 96.010/98) é personalíssimo e varia conforme o país. A legislação brasileira especifica que o titular deve buscar o direito sobre sua atividade ou obra. Existem duas grandes áreas no direito autoral: o direito moral e o direito patrimonial. O primeiro é aquele que identifica a criação da obra, sendo que o autor jamais poderá transferir a autoria para outra pessoa. Mas ele po-

derá transferir os direitos patrimoniais dessa obra a um terceiro. Assim, embora o direito autoral pertença ao autor, ele pode transferir o direito patrimonial de explorar, vender ou usar a obra. Por isso, quem busca o direito autoral é a pessoa física. Já na propriedade industrial (Lei n.º 9.279/96) é um pouco diferente. Normalmente, a invenção é desenvolvida no ambiente de trabalho, em que a infraestrutura do empregador e o intelecto do inventor se complementam, buscando o resultado pretendido. A titularidade da invenção pertence ao empregador por uma questão de relação laboral. Mas também existe a possibilidade de o inventor ser uma pessoa física ou, ainda, de o invento ter a sua titularidade compartilhada, seja entre pessoas jurídicas, seja entre pessoas físicas – fato que chamamos de cotitularidade.

E qual é o momento em que o pesquisador deve registrar tanto a propriedade autoral quanto o registro de patente?

O momento certo de requerer uma patente é quando a pesquisa alcança seus resultados. É importante fazer uma busca de anterioridade para identificar o que já existe de resultados de pesquisa em seu campo de conhecimento. Temos casos na Sedetec de pesquisadores que vêm buscar nossos serviços e orientações com uma pesquisa já pronta e, quando começamos a busca de anterioridade, percebemos que já existe referência semelhante em um dos bancos de patente. Na Secretaria fazemos pesquisa em bancos gratuitos no Brasil, na Europa e nos Estados Unidos. Mas essa não será a única consulta. À medida que

o pesquisador vai alcançando alguns avanços, é possível fazer uma patente daquele conhecimento. Esse primeiro registro já garante a data de prioridade do patenteamento, ou seja, ele cria um marco temporal sobre aquela tecnologia.

Há contratempos nesse processo?

Existe uma corrida muito grande de pesquisas paralelas, e um dia ou algumas horas podem representar a perda de uma pesquisa de anos. Por isso, recomendamos que, conforme o avanço do trabalho, seja feita uma checagem nos bancos de patentes. O sistema de patentes tem um período de 18 meses de sigilo sobre toda a tecnologia que foi desenvolvida. É o tempo de margem de prioridade sobre qualquer concorrente. Como esse sistema existe em todo o mundo, no momento em que alguém deposita uma patente, ninguém vai ficar sabendo sobre ela durante o período de sigilo. Pode ocorrer que daqui a uma semana ou daqui a uma hora uma pessoa na Inglaterra – que vinha fazendo a mesma pesquisa – se reporte ao “Inpi” deles e faça a proteção. Obviamente que a minha patente vai ficar tramitando por esses 18 meses até ser concedida uma carta patente. Enquanto isso, a patente do inglês também irá tramitar. Vencido esse prazo de um ano e meio, um perito na área irá analisar o pedido. Quando ele fizer uma busca por anterioridade nos países que possuem banco de patente, verá que houve uma patente depositada uma hora antes da dele ou uma semana antes. O que acontece? A dele morre e a minha continua. Próximo ao término dos 18 meses de sigilo, o depositante

(o titular da patente) deve fazer um requerimento junto ao Inpi para que a patente seja examinada, caso contrário ela é arquivada. Outro aspecto quanto à patente é a sua vigência, que é de 20 anos. Ultrapassado esse tempo, ela cai em domínio público, inclusive para fins comerciais. A patente é um monopólio, mas um monopólio temporal.

Qual a importância de passar esse tipo de informação para o pesquisador?

É fundamental, pois se o pesquisador não protege o conhecimento desenvolvido dentro da universidade, nunca iremos reaver o investimento que foi feito sobre aquela pesquisa. Sempre trabalhamos com recursos públicos, por isso a ideia é fazer a proteção e tentar encaminhar essa tecnologia para o setor produtivo porque, de alguma maneira, ele vai atender à necessidade da população. Por outro lado, vai trazer royalties para a universidade, que reinvestirá em pesquisa.

Como acontece essa transferência dentro da universidade?

Tudo aquilo que volta para a universidade em forma de royalties é dividido em três partes. Primeiramente se calcula o custo de proteção, quando é descontado todo o investimento feito até então. O restante é dividido em três partes. Um terço dos royalties vai para o pesquisador; outro terço vai para a universidade, exatamente para investir em pesquisa e em tudo o que estiver vinculado à inovação; o último terço vai para o departamento em que foi desenvolvida a tecnologia. Essa regra está amparada, na UFRGS, pela Portaria 3.064/98.

Dois pontos

André Schneider, revisor de textos
andre.schneider@consun.ufrgs.br

► À distância vs. a distância

Uma dúvida muito frequente entre os usuários da língua portuguesa escrita é a forma apropriada de grafar a expressão *a distância*. O problema reside no uso ou não do acento grave no *a* inicial dessa expressão: *a distância* ou *à distância*?

Vale lembrar que o acento grave (`) é usado em nossa língua para indicar a crase da preposição *a* com a forma feminina do artigo definido e dos pronomes demonstrativos. No caso da expressão em análise, o que determina a presença do acento grave é a assunção de que o artigo feminino *a* esteja presente antes do substantivo feminino *distância*, e que, por consequência, ocorra a fusão da preposição *a* com o artigo *a*, originando

desta maneira a forma *à*.

Nem sempre claro, porém, é se o artigo feminino de fato está presente antes da palavra *distância*. É consenso entre os gramáticos que, nos casos em que a locução *a distância* estiver determinada, o artigo feminino está presente e, consequentemente, a grafia apropriada deve ser *à distância*: “As candidatas ficaram *à distância* de três metros da banca avaliadora”. Quando a *distância* não é determinada, cria-se um impasse: alguns gramáticos optam pelo uso da crase, enquanto outros optam pelo não uso (isto é, alguns admitem a existência de um artigo feminino antes do substantivo, e outros não).

A expressão “educação a distância” é um bom exemplo para ilustrar esse impasse. Há quem defenda que a expressão deva ser grafada com a marcação da crase – *educação à distância* –, sob o argumento de que *à distância* é uma locução feminina que se assemelha a outras, como *à vista*, *à beça*, *à mão*, *à vontade*, *às vezes*. Percebe-se, no entanto, que há certa preferência pelo uso da expressão sem a crase – *educação a distância* –, uma vez que a *distância*, nesse contexto, não está determinada. Sites de diversas instituições federais de ensino superior e o Portal do Ministério da Educação têm adotado a grafia sem o acento grave.

► Houve boatos, haja vista

O verbo *haver*, quando usado para exprimir a ideia de tempo decorrido ou com o significado de “existir”, é impessoal, ou seja, não possui sujeito. Sua flexão, nesses casos, é feita na terceira pessoa do singular:

“*Há* duas semanas, o estudante realizou a última prova do semestre letivo.” (tempo decorrido)

“*Houve* boatos de que o salário dos empregados da empresa seria reajustado.” (significado de “existir”)

Por sua vez, a expressão *haja*

vista (com o significado de “leve-se em conta”, “considere-se”) pode:

manter-se invariável – “*Haja vista* os processos recebidos, [...]”;
flexionar o substantivo *vista* – “*Haja vistos* os processos recebidos, [...]”;
flexionar o verbo *haver* – “*Hajam vista* os processos recebidos [...]”.

Ressalte-se também que, quando rege a partícula *em*, a expressão é sempre invariável: “*Haja em vista* os processos recebidos, [...]”.



Relações internacionais com perspectiva estratégica

Pós-graduação

Novo curso pretende analisar os processos de transformação por que o mundo está passando

Everton Cardoso

A primeira turma de alunos do Programa de Pós-graduação (PPG) em Estudos Estratégicos Internacionais – vinculado à Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS – ingressou em março deste ano. Os dez mestrandos e os dez doutorandos escolhidos no processo seletivo propõem projetos de pesquisa na área num momento em que o cenário internacional está passando por significativas transformações políticas, econômicas e mesmo culturais. Assim, pensar sobre relações internacionais é fundamental para compreender a nova forma de organização e de relação entre os países, e como o Brasil se insere nesse contexto.

De acordo com o coordenador do PPG, Paulo Visentini, o surgimento do programa se deve, em alguma medida, a uma demanda da Coordenação de Pessoal de Nível Superior (Capes), pois não havia doutorado nessa área na região sul do país. Além disso, o fato de a Universidade já contar com uma graduação em Relações Internacionais desde 2004 contribuiu para que se abrisse um curso no âmbito da pós-graduação. “Formou-se um corpo de docentes-pesquisadores, e houve uma demanda muito grande dos alunos que haviam trabalhado como bolsistas de iniciação científica em projetos de pesquisa vinculados ao Instituto Latino-americano de Estudos Avançados”, justifica o professor.

Os quinze docentes do programa estão divididos em três linhas de pesquisa – cinco em cada uma. A primeira delas, Política Externa e Integração, é a de caráter mais tradicional, no que se refere aos estudos em política internacional. Inclui projetos que estudem relações políticas e diplomáticas. Visentini esclarece, porém, que o foco desses estudos está principalmente em países e regiões menos frequentes nesse tipo de trabalho, como China, Índia, Oriente Médio, África e Rússia. A segunda linha de pesquisa, Economia Política Internacional, busca compreender o quanto a globalização e as integrações econômicas contribuíram para a mudança dos paradigmas produtivos. Tecnologia, Estado e Segurança Internacional é a outra linha de pesquisa. Os estudos desta giram em torno de novas áreas sensíveis, como segurança internacional, importação de tecnologias aplicadas, governança e papel do Estado.

Os projetos dos alunos – Entre os trabalhos de pesquisa que começaram a ser desenvolvidos desde o ingresso da primeira turma, está o da mestranda Carla Holand, formada em Relações Internacionais pela UFRGS. Ela pretende estudar a política externa brasileira para o Oriente Médio no governo Lula



Entre outros temas, o novo pós-graduação propõe o estudo das relações diplomáticas com os países do Oriente Médio

entre os anos de 2003 e 2010. “O objetivo de minha dissertação é analisar as principais características da linha de atuação internacional do Brasil – como o multilateralismo, o globalismo, o autonomismo, o regionalismo e um possível ‘novo pragmatismo’ – e sua repercussão frente às questões relacionadas ao Oriente Médio e à atuação brasileira na região nas áreas comercial e política”, esclarece.

Já o doutorando Igor Castellano da Silva, mestre em Ciência Política pela UFRGS, escolheu um tema sobre o qual ainda há poucos estudos: as relações internacionais das nações da África Austral. “Países como África do Sul, Angola, Moçambique e Namíbia são atualmente parceiros estratégicos do Brasil, mas ainda se pesquisa pouco sobre a formulação de política externa desses Estados, sobre os seus reais interesses e os padrões de amizade e inimizade na região”, lamenta.

Ao falar sobre a proposta central do curso, o professor e pesquisador Paulo Visentini enfatiza que hoje em dia não deve mais haver cursos de pós-graduação em Relações Internacionais que sejam generalistas, pois os de graduação já são assim. “O

aluno sai deles muito bem preparado, demandando, então, um aprofundamento, uma especialização”, acrescenta. Por isso, o PPG em Estudos Estratégicos da UFRGS tem, de acordo com o coordenador, o objetivo central de estudar a região do mundo conhecida como países em desenvolvimento. “O Brasil passou a ter uma enorme presença internacional, abriu embaixadas em países onde antes não estava representado, aumentou seu corpo diplomático, começou a fazer negócios em áreas do mundo em que antes não fazia e estabeleceu acordos de cooperação, como os países desenvolvidos faziam”, enfatiza. Na visão do docente, há poucos profissionais preparados para atuar nessa área, o que gera uma demanda das empresas e do Estado por conhecimento sobre esses temas.

O foco específico definido pelo PPG em Estudos Estratégicos Internacionais foi exatamente o que determinou a escolha do curso pelo senegalês Mamadou Alpha Diallo – graduado em Administração de empresas pela PUCRS e mestre em Ciências Políticas pela UFRGS. “É um programa que permite a compreensão macro da geopolítica

internacional e como tal poderá contribuir para o entendimento e a solução dos problemas locais, regionais e internacionais que enfrentamos neste novo século”, justifica. E acrescenta: “Meu objetivo é adquirir conhecimento e métodos adequados para poder, no final do curso, participar ativamente na busca de soluções para os diferentes desafios que o mundo atual enfrenta, particularmente o continente africano”. A intenção do doutorando é, uma vez terminados seus estudos, seguir carreira como docente e pesquisador, pois, para ele, assim poderia contribuir para vencer problemas como pobreza e má governança.

Com essa perspectiva de centralizar os estudos em países menos tradicionais, o programa irá analisar os processos de transformação por que o mundo está passando. Assim, com estudos de caráter multidisciplinar, pretende oferecer uma visão prospectiva, daí o caráter estratégico do curso. “Em vez de ficarmos nos lamentando sobre a globalização e acreditar nela como um discurso avassalador e triunfante, precisamos vê-la como um processo que pode ter múltiplos resultados”, ressalta Visentini.

Doutorado para qualificar a pesquisa em alimentos

Tecnologia Programa tem característica multidisciplinar e foco na formação de recursos humanos

Com mestrado em funcionamento desde 2005, o Programa de Pós-graduação (PPG) em Ciência e Tecnologia de Alimentos teve, neste ano, o ingresso de sua primeira turma de doutorado. No processo seletivo foram aprovadas seis candidatas para o programa, que tem uma perspectiva multidisciplinar. Além das seis doutorandas, atualmente estudam e desenvolvem seus projetos de pesquisa no PPG 29 mestrandos provenientes de áreas como Engenharia de Alimentos, Veterinária, Ciências Biológicas, Engenharia Química e Nutrição.

Nesses seis anos de funcionamento do mestrado, foram defendidas 43 dissertações dentro das duas linhas de pes-

quisa do programa. Na primeira delas, Qualidade de Alimentos, estão incluídos trabalhos relacionados à microbiologia, à química, à bioquímica, à avaliação e ao controle de qualidade de alimentos, e à segurança alimentar sustentável. Esta última, de acordo com o professor e vice-coordenador do PPG, Caciano Noreña, é uma área que tem ganhado força recentemente, inclusive por meio de parcerias com empresas privadas. Nessa linha foram produzidas 70% das dissertações de mestrado orientadas por dez professores.

Entre os projetos de doutorado propostos para a linha de Qualidade de Alimentos está o de Roberta Mariot. “Meu trabalho tem por objetivo a produção de

um alimento ou ingrediente funcional, ou seja, que apresente diversas atividades benéficas para o organismo”, explica a doutoranda que pretende desenvolver um leite de vaca parcialmente hidrolisado que possa ser consumido por crianças que são alérgicas à substância. Também relacionada aos alimentos lácteos é a pesquisa de Stela Meira. “Durante o mestrado, minha pesquisa envolveu propriedades antioxidantes e anti-hipertensivas de produtos lácteos ovinos. No doutorado, pretendo dar ao trabalho um foco mais aplicado”, esclarece.

Responsável por 30% das dissertações e contando com dois professores, a outra linha de pesquisa, intitulada Processos em Alimentos, tem como foco

específicos estudos em biotecnologia. Os projetos se centram, sobretudo, na separação de nanopartículas, ou seja, componentes mínimos dos alimentos que têm algum tipo de propriedade funcional. O objetivo desses estudos é identificar elementos bioativos que ajudam no metabolismo e na saúde de maneira geral. Exemplo disso é o estudo proposto pela doutoranda Camila Lago: ela trabalha com yacon (*Smallanthus sonchifolius*), tubérculo de origem andina. “O objetivo da pesquisa é estudar as propriedades relacionadas à tecnologia de alimentos”, explica.

Sobre o intervalo de seis anos entre a implantação dos programas de mestrado e doutorado, o vice-coordenador do PPG

explica que foi uma opção estratégica. “A ideia era fundamentar e potencializar o mestrado, os projetos de pesquisa e a infraestrutura – principalmente laboratórios –, e adquirir experiência docente”, elucida Caciano. Atualmente, o programa tem conceito quatro, segundo a avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). De acordo com o vice-coordenador, a meta é buscar conceito seis nos próximos semestres, o que significaria que o programa já tem inserção internacional. Dessa maneira, seria cumprido aquele que é, para Caciano, o objetivo central do PPG: formar recursos humanos de qualidade e que correspondam às demandas da sociedade. (E.C.)

Especial

Transporte sustentável

O que Porto Alegre e a UFRGS oferecem aos ciclistas, e quais as vantagens de optar pela bicicleta

“**D**ez bicicletas estacionadas preenchem a vaga de um automóvel. Cinco bicicletas em movimento ocupam o lugar de um carro. Para percorrer distâncias entre 400 m e 1 km, é o meio de transporte mais rápido. Cinco mil bicicletas representam 6,5 toneladas a menos de poluentes no meio ambiente. Não produz ruído. O custo econômico é mais baixo e traz benefícios à saúde.” É dessa forma que o professor do Laboratório de Sistemas de Transportes da UFRGS, João Fortini Albano, resume as vantagens de optar pela bicicleta como meio de locomoção.

Mesmo assim, o carro continua sendo o desejo de consumo e veículo preferencial dos porto-alegrenses. De acordo com o Plano Integrado de Transporte e Mobilidade Urbana (PITMurb), a frota de veículos da capital gaúcha deve aumentar 122% no período de 2003 a 2033. Enquanto isso, a infraestrutura oferecida e o incentivo ao uso de meios alternativos de transporte ainda são insuficientes. A luta dos ciclistas é pelo reconhecimento da bicicleta como meio de transporte legítimo.

A referência vem de fora. Na Holanda, 40% dos 16,5 milhões de habitantes usam bicicletas em seus percursos diários. A rede cicloviária do país chega a 34 mil quilômetros, e são mais de 18 milhões de bicicletas nas ruas – mais de uma por pessoa. Em 2010, Buenos Aires construiu 30 km de ciclovias e deve finalizar mais 100 km neste ano. O programa de mobilidade sustentável da capital portenha tem acordos com empresas locais para que elas incentivem seus empregados a usarem bicicletas.

Pedalandando em Porto Alegre – A capital gaúcha tem um longo caminho a percorrer até tornar-se exemplo em serviços oferecidos aos ciclistas. São apenas 3,5km de ciclovias construídas nas avenidas Ipanema e Diário de Notícias. Segundo o professor Albano, as políticas públicas voltadas a essa área são muito recentes. “Somente depois que a frota de veículos individuais foi evoluindo, e os meios de transporte coletivos não deram conta da demanda, a bicicleta emergiu como opção importante”, diz. Para Marcelo Sgarbossa, diretor da ONG Cicloativos, “os gestores defendem a abertura de novas ruas para os carros passarem com mais fluidez. Só que os carros são como gás: quanto mais espaço se abrir, mais carros haverá”.

A atual estrutura é voltada ao lazer e não foi pensada para a locomoção diária dos usuários. Conforme o professor, não existe ligação entre as vias nem interação com os transportes públicos. “Para o sistema funcionar, é preciso ter uma concepção de rede que possa deslocar usuários para o trabalho, ou não se configura como uma modalidade de transporte efetivo”, explica.

Quem pedala diariamente percebe as dificuldades e faz críticas às vias projetadas até agora. “Temos uma pequena ciclovia de lazer em Ipanema, uma falsa ciclovia sobre a calçada na Avenida Diário de Notícias e outra na Restinga, que também está parcialmente instalada sobre o lugar dos pedestres, o que é um absurdo”, reclama a ciclista e estudante de Artes Visuais da UFRGS Melissa Webster.

A violência e a falta de respeito no trânsito também surgem como obstá-

culos para aqueles que não optam pelos meios automotores. Segundo a EPTC, Porto Alegre tem a média de 1 ciclista ferido por dia e 1 morte por mês.

O desenvolvimento de projetos educacionais e de incentivo ao uso de meios alternativos de transporte é reivindicação constante dos ciclistas. “Existe na sociedade o senso comum de que as vias são exclusivas para carros. Em vez de compartilhar a pista, ocorre uma disputa em que a bicicleta não é respeitada e está sempre em desvantagem”, completa Gerson de Lima Oliveira, doutorando em Sociologia na UFRGS. Melissa concorda que falta apoio do poder público e lembra que “andar de bicicleta em Porto Alegre é ter de lidar com a falta de educação de alguns motoristas, o que gera medo em muitos potenciais ciclistas”.

A estudante também critica a escassez de locais para estacionamento. Para ela, “os paraciclos públicos são muito poucos, e o único sinalizado é o do Mercado Público”. O professor Albano explica que eles “devem estar integrados com as ciclovias e são imprescindíveis em empresas e lugares públicos para que o sistema funcione. Um projeto de ciclovias e ciclofaixas sem paraciclos não vai funcionar”. Pesquisa realizada pela Prefeitura de Porto Alegre para a elaboração do Plano Cicloviário mostra que o medo de acidentes (30%) e a falta de lugar seguro para deixá-las (24%) são os principais fatores que impedem o uso da bicicleta.

Plano cicloviário – A Lei Complementar 626, de julho de 2009, instituiu o Plano Diretor Cicloviário Integrado (PDCI) com o objetivo de oferecer “o modal bicicleta à população como opção de transporte para o atendimento das demandas de deslocamento no espaço urbano”. Segundo o documento, Porto Alegre tem uma rede cicloviária potencial de 395 km. O Plano também prevê programas complementares de incentivo, conscientização, manutenção e monitoramento das vias.

Na primeira etapa, foram definidas três áreas prioritárias: Restinga (4.600 m), Avenidas Sertório (7.800 m) e Ipiranga (7.200 m). Recursos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) devem garantir mais 20 km. Entretanto, a única obra em andamento é a do bairro Restinga. “A previsão de conclusão da ciclovia era outubro do ano passado, mas tivemos resistências na região comercial e problemas no andamento dos trabalhos”, justifica o arquiteto e urbanista da EPTC Régulo Ferrari.

A construção das outras ciclovias previstas no PDCI ainda não começou. Ferrari diz que, mesmo com verba, há muita burocracia para montar esses projetos e para encaminhar à concorrência pública.

Questionado sobre o impacto do Plano Cicloviário para a mobilidade urbana na capital, o professor Albano diz que “o PDCI não vai solucionar definitivamente o problema de circulação dos ciclistas. Mas é importante para diminuir a resistência à bicicleta. Se tivermos uma via segregada e com proteção, quem sabe as pessoas se motivem mais”. Para o docente, conscientizar a população sobre o uso de meios alternativos, criar um sistema de aluguel de bicicletas e restringir o trânsito de veículos são outras ações necessárias, já implantadas com sucesso em países como Inglaterra, França e Holanda. “Medidas administrativas,

TEXTO DAIANE DE DAVID E LUIZ EDUARDO KOCHHANN



Pedalandando alternativa



de engenharia e de monitoramento devem ser aplicadas simultaneamente para melhorar a circulação urbana, mas elas podem ser eficientes somente durante certo tempo. Uma vez que continue aumentando o número de veículos, o espaço viário irá saturar ainda mais”, diz.

Pedalandando na UFRGS – O superintendente de infraestrutura da UFRGS, Alberto Tamagna, tem pouco a dizer quando o assunto é bicicletas na Universidade. “A única estrutura que temos são alguns paraciclos”, resume. E, mesmo assim, o modelo atual não contempla todos os espaços acadêmicos. “O Instituto de Artes é um dos locais que não tem paraciclo. O que é irônico, porque muitos alunos vão pra lá de bicicleta”, comenta Melissa. Gerson relata que, nas vezes em que frequentou o Restaurante Universitário do Câmpus da Saúde, teve de deixar sua bicicleta presa à grade que cerca o local.

Já no Câmpus do Vale, o ideal, segundo Melissa, seria ter um paraciclo em cada departamento. “A maioria das pessoas que vem de bicicleta a amarra num poste em frente ao seu prédio, pois ninguém quer estacionar muito longe de onde tem aula”, explica. A estudante ainda cita a falta de sinalização e a pouca segurança de muitos locais como pontos a serem melhorados pela gestão: “Se a UFRGS quer incentivar as pessoas a chegarem até ela de bicicleta, tem que oferecer dignidade ao ciclista”.

Demanda – O grande número de carros

“As pessoas que usam bicicletas são guerreiras, pois falta estrutura nas vias”

que circula pelos câmpus causa transtornos. Só no Câmpus Centro são, no mínimo, 450 carros transitando todos os dias. “Somos favoráveis a qualquer solução que diminua o número de carros”, afirma Tamagna.

O superintendente ressalta que é papel da Suinfra responder às demandas da Universidade: “Onde houver anseios da comunidade, a gente coloca um dispositivo para facilitar. Mas até agora as nossas maiores solicitações são para carros, não para bicicletas”. No momento, explica ele, não há nenhuma ação sendo desenvolvida pelo setor em prol desse meio de transporte.

Os usuários de bicicleta, porém, não precisam desanimar. Desde 2010, um grupo interdisciplinar da UFRGS intitulado “Extensão e Pesquisa em Saúde Urbana, Ambiente e Desigualdades” vem discutindo como a Universidade pode se tornar um lugar mais acessível a bicicletas. Ele propõe a construção de chuveiros, vestiários, locais mais segu-

ros para deixar as “bikes” e a implantação do “Plano Intercampi”, que visa conectar todos os câmpus da UFRGS por meio de ciclovias.

A professora da Faculdade de Medicina e coordenadora do grupo, Maria Inês Azambuja, relata que já houve um encontro com Tamagna para discutir maneiras de tornar a ideia realidade. De acordo com o superintendente, a UFRGS poderia aproveitar a construção da ciclovia na Avenida Ipiranga, prevista no PDCI, para estender ligações até as suas dependências, uma vez que a via fica próxima de todos os câmpus.

Exemplos – Várias universidades brasileiras possuem projetos que buscam estimular o uso de bicicletas. A Universidade de São Paulo implantou, em maio deste ano, o PedalUSP. O projeto é fruto do trabalho de conclusão de curso de Maurício Villar e Maurício Matsumoto, estudantes de Engenharia Mecatrônica. Para utilizar o sistema, o usuário deve se cadastrar no site do projeto e apresentar a carteirinha da USP para retirar gratuitamente uma das quatro bicicletas disponibilizadas.

Já a Universidade Federal de Rio Grande possui um sistema de bicicletas públicas em funcionamento desde março de 2010.

Iniciativas semelhantes existem na Universidade Estadual de Campinas, que está testando neste ano o Mobic – Mobilidade Intracampus –, e na Universidade de Brasília, com o projeto de extensão Bicicletas Livres, criado em 2007.



FILIANO DUTRA/JU

Paixão de colecionador

As bicicletas antigas nunca foram tão modernas. Quem garante isso é o colecionador e comerciante Emerson Pereira da Silva. “A bicicleta está voltando a ter um estilo, e as antigas são mais bonitas, mais glamorosas. O pessoal hoje não quer mais comprar qualquer coisa”, explica. Segundo ele, os modelos clássicos mais procurados são os da linha feminina: “Para cada dez bicicletas que eu vendo, nove são para mulheres. Muitas alunas da UFRGS e participantes do Massa Crítica compram comigo”.

Todos os sábados, Emerson expõe na Praça do Capitólio, na Borges de Medeiros, alguns dos 80 modelos de bicicletas de sua coleção – que também inclui carros, motos, motonetas, triciclos e brinquedos antigos. A paixão pelas “bikes” antigas surgiu quando o comerciante comprou e restaurou um modelo semelhante ao que tinha quando era criança, uma berlineta de 1976. Dono de uma oficina de restauro de carros antigos chamada “Tapeação e Pintura”, Emerson viu o negócio de cerca de 10 anos mudar de perfil: “A oficina de carros é agora um hobby. Hoje 90% do meu trabalho é direcionado à área de bicicletas antigas. Eu vendo bicicleta para o Brasil inteiro: Minas Gerais, Mato Grosso, Rio de Janeiro”.

Os modelos antigos, o comerciante os adquire em suas viagens de “garimpo” pelo interior do estado. Oficinas, ferros-velhos e o boca a boca de moradores e amigos ajudam Emerson a encontrar as raridades. Mas o segredo de toda a sua persuasão e simpatia, diz ele, está no fusca que possui. “Eu só uso o fusca porque é um carro simpático. Onde tu chegares, o pessoal te trata bem. Nunca te viram e te convidam porque tu estás com um carrinho simplório”, diverte-se.

O colecionador Fabrício Alves, morador de Iraí, no Rio Grande do Sul, relembra da vez em que quase foi levado por um caminhão enquanto garimpava em meio a toneladas de quinquilharias num ferro-velho. “Tive que subir rapidamente nas ferragens e gritar ao motorista que eu estava ali”, contou por e-mail ao JU. Dono de 25 bicicletas antigas, Fabrício começou sua coleção em 2007, após adquirir, aos 32 anos, o seu sonho de criança: uma monareta. O modelo foi o maior fenômeno de vendas da empresa brasileira Monark. “Hoje possuo todos os modelos de monareta e

berlineta (fabricada pela Caloi) dos anos 1960, 1970 e 1980. Além disso, tenho uma Goricke, fabricada na Alemanha nos anos 1950, e uma Caloi 5, que são muito raras”, orgulha-se.

Diferente de Emerson, “Brício Monareta”, apelido pelo qual é conhecido, não comercializa suas bicicletas. Elas são expostas em eventos que reúnem admiradores de veículos antigos. Para Fabrício, a bicicleta representa liberdade: “Tu tens uma interação com o meio ambiente, com as pessoas, com a cidade. Eu aprendi muito pedalando, tenho o livre-arbítrio de escolher o meu roteiro, sem gastar IPVA, gasolina, manutenção do carro, etc. A bicicleta é a minha vida, minha companheira”.

Paulo Gilberto Lima até hoje não vendeu nenhuma das 178 bicicletas antigas que vem colecionando desde 1985. O restaurador começou a coleção com uma inglesa ano 1950 que ganhou do pai e, atualmente, não sabe mais onde botar tanta bicicleta. “As minhas bicicletas são todas grandes, aro 28. Então, fica complicado”, conta sorrindo.

Segundo Paulo, o restauro de uma bicicleta nunca termina: “Há sempre uma peça nova, um acessório que a gente encontra”. O canoense explica que costuma viajar muito para cidades de colonização alemã, como Joinville, Novo Hamburgo e Blumenau. De acordo com ele, os alemães são famosos pelo hábito de preservar. “Existe um folclore de que a família alemã guardava a bicicleta e não emprestava nem para os filhos. Talvez seja por isso que a gente encontra muitos modelos antigos nessas regiões”, reflete.

Por conta das dificuldades de restauração, o colecionador prefere não utilizar suas bicicletas antigas nas atividades cotidianas, apesar de ir todos os dias pedalando para a faculdade onde cursa direito. Na lista de raridades de Paulo está uma Mitsubishi, fabricada em 1947 a partir dos restos de um avião da segunda guerra mundial. “Acho que essa onda de retomada da bicicleta está fazendo com que as pessoas comecem a preservar esse veículo um pouco melhor. E o colecionismo de antiguidades serve, justamente, para manter vivas essas histórias. Eu tenho planos de escrever um livro ainda”, conta. Material certamente não vai faltar: 178 histórias Paulo já têm garantidas.

Entrevista Chris Carlsson Crítica à cultura dos automóveis

Um dos percussores do movimento Massa Crítica, o norte-americano Chris Carlsson é escritor, historiador da contracultura e ativista do espaço público. É autor de livros como *Nowtopia (A Utopia do Agora – tradução livre)*, sobre pessoas comprometidas com políticas alternativas de trabalho que vão além da lógica de mercado e que levam uma forma mais artística de pensar para seus projetos. Em entrevista ao JU, Carlsson contou que o movimento, iniciado em 1992 em São Francisco, nos Estados Unidos, é resultado de encontros e discussões entre um grupo de amigos que tentava imaginar uma maneira de ligar ciclismo e política. Ele está organizando um livro e promovendo um encontro entre ciclistas de diversos países em comemoração aos 20 anos do Massa Crítica.

JU – Nos conte sobre o livro e o encontro em comemoração aos 20 anos do Massa Crítica.

Estamos solicitando textos ensaísticos de vários cantos do mundo. O Massa Crítica vem acontecendo há duas décadas em San Francisco, menos em outros lugares, mas cada local tem a sua história. Nessa singularidade, há sagas em comum que unem as experiências que estamos tendo ao redor do planeta. Esperamos que os ensaios que apareçam ampliem nossa compreensão deste momento da história para ajudar-nos a situar o renascimento do ciclismo – que está claramente em andamento no contexto do papel da Massa Crítica, que é de empurrar os limites para a ação direta, tomando as ruas, reabitando paisagens

urbanas, revigorando nosso compromisso com o uso do espaço público, e muito mais. Durante a última semana de setembro de 2012, realizaremos passeios diários, uma conferência, um festival de cinema, shows artísticos, mostras de arte, refeições coletivas, festas e concertos em um grande festival para celebrar os vinte anos de transformação política e pessoal.

JU – 20 anos depois, o que mudou no cenário das bicicletas?

A mudança mais óbvia é o aumento considerável do uso diário da bicicleta nas maiores cidades do mundo. Junto com isso, está o amplo crescimento de uma cultura da bicicleta, baseada no faça-você-mesmo, em oficinas de conserto, fanzines sobre ciclismo, programas de rádio, roupas, arte, e muito mais. Muitas cidades introduziram ciclovias para acomodar o aumento de ciclistas, enquanto outras implementaram áreas de passeio nos finais de semana ou eventuais rotas para facilitar a recreação. Os ciclistas são muito mais aceitos e parte integrada do transporte urbano hoje do que há 20 anos.

JU – O que você aprendeu com a Massa Crítica?

Aprendi que a atuação coletiva é mais aceita e bem-sucedida se for ligada ao dia a dia das pessoas e se não exigir uma ruptura drástica no seu ritmo de vida. Isso também confirma algo que eu já sabia: políticas radicais só são bem-sucedidas e atrativas quando são agradáveis, baseadas mais

no prazer do que no sacrifício, no sofrimento e na raiva. A urgência por dignidade embasa o desejo da Massa Crítica e dos ciclistas por um tratamento justo. Dessa maneira, ecoa em outros movimentos sociais e manifestações que iniciaram em uma circunstância mais difícil, mais precária, e que buscam a dignidade básica e os direitos humanos.

JU – Você acredita nas bicicletas como meio de transformação social?

Com certeza, mas somente se os ciclistas se engajarem em políticas e estiverem dispostos a repensar seu jeito de viver. Bicicletas também podem ser veículos do tédio capitalista naturalizado.

JU – O que você espera do futuro das bicicletas em todo o mundo? Você acredita em uma progressiva aceitação e no aumento do uso delas?

Sim, claramente. As múltiplas crises econômicas, a ecologia e a anomia social estão levando as pessoas a optarem por bicicletas como uma alternativa saudável e divertida, em vez de sofrer com a estupidez, as despesas e a sujeira da cultura dos automóveis.

JU – Quais países servem de modelo para as políticas públicas na área? Como você avaliaria o Brasil e os Estados Unidos nessa questão?

Na minha opinião, há um empate entre Dinamarca e Holanda no topo da lista. Já nos EUA, a cultura do carro está acima de tudo, e todas as conquistas dos ciclistas são resultados de uma grande luta. Ainda passarão alguns anos antes

“As múltiplas crises econômicas, a ecologia e a anomia social estão levando as pessoas a optarem por bicicletas como uma alternativa saudável e divertida”

de a bicicleta ser totalmente aceita como uma alternativa normal de transporte, não sendo mais vista como um brinquedo e um simples passo na direção da vida adulta – que implica a posse de um automóvel. Acredito que o Brasil está mais próximo dos EUA do que do norte europeu. Mas, entre os brasileiros, com a sua fantástica cordialidade e a sua incomparável vontade de aproveitar a vida, além do excelente clima do país, as bicicletas têm um grande futuro.

JU – Quais são as vantagens de optar pela bicicleta como meio de transporte?

Saúde, melhor coesão social com o mundo circundante, melhor compreensão da realidade, mais interação com os sistemas ecológicos e naturais, menos tempo perdido trabalhando para pagar um carro, mais tempo para aproveitar a vida.

Palestina quer lugar na ONU

Orientes Médio *Iniciativa pode mudar rumo do conflito entre árabes e israelenses*

A Autoridade Palestina planeja pedir à Organização das Nações Unidas o reconhecimento de um Estado palestino formado pela Cisjordânia e pela Faixa de Gaza, com capital em Jerusalém Oriental. Isso deve ocorrer em setembro, na reunião anual da Assembleia Geral da ONU.

A iniciativa tem caráter simbólico. O reconhecimento pode mudar a situação dos palestinos que não têm cidadania de nenhum país, mas não resolverá de imediato o conflito com Israel. É uma tentativa de acabar com o impasse nas negociações pela paz e contempla a solução mais aceita para alcançá-la: dois estados independentes que dividam as terras sagradas para a religião de seus povos, por eles ocupadas em diferentes períodos históricos.

O Estado palestino seria formado a partir das fronteiras anteriores à Guerra dos Seis Dias, de 1967. Nesse conflito, Israel assumiu o controle de Jerusalém Oriental, da Faixa de Gaza, da Cisjordânia, das Colinas de Golá e da Península do Sinai. Esta foi devolvida, após um acordo de paz, ao Egito, um dos dois países árabes que mantêm relações diplomáticas com Israel – o outro é a Jordânia. Os demais territórios permanecem ocupados.

Israel e Estados Unidos são contra o pleito. Eles argumentam que se trata de uma medida unilateral que em nada contribuirá para a paz. A Autoridade Palestina rebate, afirmando que ela é multilateral, porque precisará da aprovação de outros países.

Esse é, na verdade, o grande empecilho. Na Assembleia Geral das Nações Unidas, a medida provavelmente seria ratificada. Cerca de 120 países reconhecem o Estado palestino – entre eles o Brasil. Porém, o reconhecimento deve passar pelo Conselho de Segurança, em que os EUA têm poder de veto – e ao qual irão recorrer, conforme já alertaram. Por que, então, a Palestina investe esforços nesse movimento diplomático?

Um dos motivos é que, mesmo sem a aprovação dos EUA, ela pode ser elevada à condição de Estado não membro da ONU. Isso lhe permitiria fazer parte de órgãos como a Unesco e aumentaria sua projeção. O objetivo maior é isolar diplomaticamente Israel. Os países da Europa ocidental não reconhecem o Estado palestino, mas França e Espanha já deram sinais de que poderiam fazê-lo. Seria uma vitória para os palestinos se apenas os EUA vetassem o reconhecimento. Em maio, Barack Obama desagradou o governo israelense ao defender a criação de um Estado palestino desmilitarizado e nas fronteiras de 67, desde que haja troca de terras que respeitem as mudanças ocorridas nas últimas décadas.

Essa ressalva é um aspecto-chave para a resolução do conflito. Desde a tomada dos territórios que pertenciam aos árabes, Israel vem povoando parte deles com colonos judeus. Esses assentamentos são tidos como ilegais pela comunidade internacional. Políticos de extrema direita defendem que só pode haver um estado na "terra de Israel". A Cisjordânia não é tratada assim, mas dividida em Judeia e Samaria – regiões do antigo reino de Israel. Ao se ater a referências bíblicas como essas, desconsideram a situação dos palestinos que foram expulsos de suas terras na guerra de independência de Israel, em 1948. Em sua visão, estes deveriam ser acolhidos por países árabes, como Egito e Jordânia. Um dos entraves à paz é a demanda palestina para que os refugiados retornem às terras que ocupavam.

Há grande controvérsia sobre Jerusalém, que é sagrada para as religiões cristã, judaica e muçulmana. O plano de partilha da região formulado pela ONU após o fim da Segunda Guerra Mundial – aceito pelos judeus e rejeitado pelos árabes – estabelecia que a cidade não pertenceria a nenhum país. Na guerra de 1948, a Jordânia anexou a parte oriental da cidade, e Israel, a ocidental. Em 1967, este ocupou a porção oriental. Posteriormente, unificou Jerusalém e fez dela a sua capital – ato rejeitado internacionalmente. Assim, as principais instituições do governo israelense ficam em Jerusalém, enquanto os países estrangeiros mantêm suas embaixadas em Tel Aviv.

Problemas dos dois lados – A iniciativa palestina vem no pior momento possível para o governo de Israel. No início de agosto, o país passou por uma das maiores manifestações populares de sua história. Foram protestos contra a alta do custo de vida e a desigualdade social.

Os problemas internos fragilizam o governo do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, que tende a ser intransigente com os palestinos. Durante seu mandato, as negociações de paz foram interrompidas, graças à contínua expansão dos assentamentos. A paralisação das construções é uma exigência da Palestina e dos EUA para que o diálogo seja retomado – por conta disso, a relação entre Obama e o chefe de governo israelense se deteriorou. A Mahmoud Abbas, presidente da Autoridade Palestina, Netanyahu pediu o reconhecimento de Israel como Estado judeu, o que afetaria os árabes residentes no país. Em 2005, ele renunciou ao seu cargo de ministro do governo liderado por Ariel Sharon quando este ordenou a retirada dos assentamentos israelenses na Faixa de Gaza.

Como, no entanto, Israel mantém controle sobre o acesso ao território, ainda se considera que ele está ocupado. Gaza é governada pelo Hamas, partido islâmico que não aceita a existência de Israel. Nas eleições de 2006 nos territórios palestinos, o Hamas derrotou o Fatah, moderado, de Mahmoud Abbas. Os Estados Unidos e a União Europeia impuseram sanções e cortaram ajuda econômica à Autoridade Palestina. Em 2007, um conflito entre o Hamas e o Fatah culminou na violenta expulsão desse último da Faixa de Gaza.

Em abril, os dois partidos firmaram um histórico acordo de reconciliação mediado pelo novo governo egípcio, formado após a queda do ditador Mubarak. Porém, há dificuldades para que isso se concretize. Além das divergências internas para a constituição de um governo de unidade, a paz na região só pode ser alcançada se o Hamas renunciar à violência.

Mahmoud Abbas pede aos palestinos que façam manifestações pacíficas em apoio à tentativa de reconhecimento na ONU. Há temores de que a contínua ocupação militar e a expansão dos assentamentos levem a uma terceira Intifada (insurreição). Netanyahu diz que Abbas deve escolher se quer paz com Israel ou com o Hamas. Ele ameaça anular os Acordos de Oslo, que deram um passo inicial para a paz. Quase 20 anos depois de sua assinatura, porém, os territórios palestinos seguem ocupados, e a segurança de Israel não está garantida.

João Flores da Cunha, estudante do 6.º semestre de Jornalismo da Fabico



Domo da Rocha e Muro das Lamentações, sagrados para muçulmanos e judeus, respectivamente, ficam em Jerusalém

FLÁVIO DUTRA/JU

Entrevista

Compromisso com o outro

Bernardo Sorj, professor de Sociologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é diretor do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais e do Projeto Plataforma Democrática, e coordenador do *SciELO Latin American Social Sciences Journals English Edition*.

Jornal da Universidade - Como o senhor vê a tentativa da Autoridade Palestina de ser reconhecida como Estado-membro da ONU?

As consequências desse reconhecimento não são claras. Possivelmente, Israel reagirá de forma negativa. Acho que é um passo necessário se as negociações diplomáticas não avançarem. Hoje, elas estão paralisadas, e a maior responsabilidade por isso é de Israel, cujo governo não está disposto a fazer nenhuma concessão relevante, como retornar às fronteiras de 67. O reconhecimento na ONU passa a ser a única coisa que a Palestina pode fazer.

Que reação negativa seria essa?

O governo de Israel anuncia que pode anular os Acordos de Oslo. O seu argumento é que, apesar do impasse nas negociações de paz, esses acordos que criaram a Autoridade Palestina ainda estão em vigor. Eles estabelecem que a criação de um novo Estado passaria por um acordo entre as duas partes. Se o Estado palestino for reconhecido unilateralmente, o governo de Israel pode passar a desconhecer os Acordos de Oslo e, portanto, deixar de ter qualquer compromisso com a Autoridade Palestina atual, que, apesar dos pesares, possui certo controle sobre os territórios palestinos. Isso, obviamente, não seria bom.

Quais são os principais obstáculos para a paz atualmente?

Há vários. Israel tem um governo de direita que não quer devolver parte dos territórios conquistados em 1967, mesmo que haja modificações de fronteiras. Portanto, não está disposto a fazer as concessões necessárias para a paz. Do lado palestino, o obstáculo é que há uma divisão territorial, mas também política, entre a Faixa de Gaza e Cisjordânia. Um acordo apenas com o Fatah, de Mahmoud Abbas, não incluiria a população palestina de Gaza. Essa é controlada pelo Hamas, que não reconhece o direito de Israel de existir. Não está claro, ainda, o quanto os palestinos estão dispostos a renunciar por um acordo de paz. Porque, certamente, Israel, mesmo com um governo diferente, não aceitará o retorno dos refugiados palestinos, pelo menos em sua maioria. Também há o status de Jerusalém: os palestinos querem o retorno da parte que estava sob controle da Jordânia antes de 67, mas Israel não aceita.

Um aspecto fundamental para se atingir um acordo tão difícil como esse é a coragem política dos estadistas. O senhor acredita que Netanyahu e Mahmoud Abbas têm essa capacidade?

Eu tenho dúvidas. O problema de Netanyahu, além de coragem, é a disposição pessoal. Ele vem de uma tradição nacionalista. Essa é a origem de sua família. Além disso, Israel é um país democrático, e ele sabe que se propuser um acordo, o governo dele, baseado em uma coalizão de direita, cai. Então, há um problema político. Mahmoud Abbas é um líder fraco, que não tem capacidade de impor aos palestinos uma solução. Ele pode ser atropelado por uma guerra civil. Não é Yasser Arafat. É possível que ele queira um acordo de paz, mas não tenha ca-

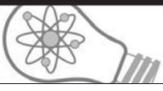
A região



pacidade de pô-lo em prática. Dito tudo isso, a única saída é, obviamente, uma negociação de paz que crie dois estados convivendo lado a lado.

Gostaria que o senhor explicasse a sua ideia de que o caminho da paz não passa pelo maniqueísmo.

Os dois lados têm argumentos que justificam suas posições e que, basicamente, se fundamentam na negação dos direitos do outro. Esse é visto como contrário à paz e a favor da destruição do outro. É uma visão maniqueísta do mundo: você pensa que tem toda a razão e que o outro está errado; você representa o bem, e o outro, o mal. Essa visão é incompatível com o compromisso com o outro. Quando você nega o outro, não está reconhecendo o espaço de existência dele e, no limite, acaba se dispondo a eliminá-lo. Esse estado maniqueísta que se criou no Oriente Médio é o caminho da guerra. O caminho da paz passa pelo reconhecimento de que há dois povos com visões diferentes e interesses legítimos que precisam encontrar um compromisso que não passe pela negação da existência do outro.



Caroline da Silva

Nosso país será sede da Copa do Mundo de Futebol em 2014 e das Olimpíadas em 2016. Esses dois eventos fazem parte de um futuro assegurado pelas autoridades brasileiras – a menos que os prazos sejam descumpridos e toda a infraestrutura necessária não seja providenciada a tempo – (veja matéria da página 4). Um outro horizonte traçado para o esporte e que também demanda esforço científico e tecnológico é a terapia regenerativa para os atletas. Dois especialistas em traumatologia afirmaram ao Jornal da Universidade que essa será a arma na luta contra as infundáveis lesões daqueles que desafiam os limites do corpo.

“Estamos no limiar de uma nova tecnologia: a terapia celular vai vir às ganhas.” Para o ortopedista e professor da Faculdade de Medicina da UFRGS João Ellera Gomes, esse procedimento será uma complementação à fase da artroscopia [procedimento cirúrgico minimamente invasivo para examinar e tratar lesões no interior de articulações]. Com o auxílio da terapia celular, ele acredita que serão alcançados os resultados pretendidos em lesões nas quais hoje não há mais o que fazer.

Entre as terapias regenerativas, há as experiências com células-tronco e o sangue rico em plaquetas, como explica o traumatologista Fábio Krebs – médico das categorias de base da CBF, cujo desejo é desenvolver um projeto de pesquisa com João Ellera Gomes.

Trabalho de equipe – Gomes recebeu neste ano o aceite da revista *Knee Surgery Sports Traumatology Arthroscopy* para publicar os resultados do primeiro trabalho de uso de células-tronco no tratamento do ombro, realizado no Hospital de Clínicas de Porto Alegre com 15 voluntários. O procedimento consistiu em retirar da bacia do paciente 100ml de sangue da medula óssea e filtrá-lo, preparando 10ml de células-tronco para injetar na lesão que os pacientes tinham na região do ombro. O professor explica que as lesões no manguito (do ombro) ocorrem porque aquele é um músculo quente: “Por melhor que tu faças teus pontos, os resultados são pobres a médio prazo. Depois de um ano, de 30 a 40% deles rompem, pois o tecido é ruim. A injeção de células-tronco faz com que aquele tecido que era doente apresente uma melhora na sua condição, fique mais espesso, mais consistente”.

Segundo o pesquisador, o resultado foi muito superior ao alcançado pelas técnicas profissionais em vias artroscópicas. “Então, estou convencido de que tudo o que nós estamos falando sobre artroscopia é um adeus ao passado. Claro que essa técnica não vai deixar de ser usada para fins diagnósticos e cirúrgicos, mas o que podia oferecer de progresso tecnológico ela já ofereceu. O tratamento em si agora vai ter que ir pro *upgrade*.” Ele conta que uma reconstrução de ligamento cruzado no joelho feita no final da década de 80, início da década de 90, difere muito pouco das cirurgias realizadas hoje.

Para João Ellera Gomes, os próximos 30 anos não representarão evolução na área se não forem incorporados outros tratamentos. “Esse trabalho publicado foi um marco. Até agora, vínhamos correndo à frente dos americanos – que estavam atrasados por uma questão legal. Foi no final do governo Bush, início do de Obama, que eles receberam autorização para trabalhar com as células-tronco. Foi por isso que nós conseguimos publicar esse primeiro trabalho prospectivo de uso de células-tronco em seres humanos, relacionado ao ombro. Eu estou convencido de que esse é o caminho. O outro caminho importante, no qual precisamos investir cada vez mais, é a profilaxia.”

Maratona para a prevenção – Fábio Krebs presidiu o 1.º Congresso Brasileiro de Artroscopia e Traumatologia do Esporte, realizado de 17 a 20 de agosto no Hotel Serrano, na cidade gaúcha de

A aluna Larissa Soares, afastada do time de futsal da Universidade por uma lesão no joelho, realiza fisioterapia na ESEF



FLAVIO DUTRA/JU

Esporte Profissionais de Saúde testam tratamentos para auxiliar atletas e praticantes de esportes

Novas técnicas contra lesões

Gramado. A edição marcou a união de duas sociedades até então distintas: Sociedade Brasileira de Artroscopia e Comitê de Traumatologia Desportiva. A fusão foi oficializada em novembro de 2010 e, anteriormente, a área era chamada de Medicina Desportiva. Conforme o médico, o evento também contemplou as tendências de novos tratamentos, “discutidas na própria parte medicamentosa”.

O tema do evento foi a prevenção de lesões. “Lançamos uma campanha durante o congresso, então essa era a meta, o objetivo maior”, afirma Krebs, ressaltando que o principal fator para evitar a ocorrência desses problemas é uma avaliação esportiva prévia que inclui vários segmentos da área da saúde. “É uma avaliação interdisciplinar. É fundamental fazer uma avaliação médica adequada, porque nela tu passas por um ortopedista, por um cardiologista, por um médico do esporte, em que tu vais verificar tuas reais condições cardiopulmonares e musculoesqueléticas para desenvolver uma prática esportiva adequada. Isso é básico”.

Ele, que já foi médico de diversos times de futebol do estado, conta que hoje essas avaliações são desenvolvidas pelos clubes. “Quando o atleta chega, é feita uma bateria geral – aí entram exames radiográficos, questões de capacidade cardiopulmonar que o médico do esporte vai avaliar. Eventualmente o car-

diologista entra nessa avaliação também. Mas é o médico ortopedista, fazendo avaliação articulada músculo-esquelética geral, que verifica se tu tens condição ou não de fazer tal atividade. Não adianta eu pegar e te dizer assim: tu tens que fazer rúgbi, se, em uma avaliação, tu veres que tens algumas limitações. Tu não terás capacidade de fazer isso, estás te colocando numa situação de risco, e isso já aumenta a chance de teres lesão”.

Os próximos passos da prevenção englobam adequar os equipamentos a serem utilizados e realizar uma avaliação nutricional. “Estou falando de coisas utópicas teoricamente, mas isto seria o ideal: o acompanhamento de um nutrólogo que vá te orientar em relação à alimentação adequada para aquela prática esportiva.” O traumatologista cita como exemplo os corredores de rua que são magros, “secos”, que não têm massa muscular nenhuma: “Há um desgaste maior de algumas articulações por causa dessa falta de uma estrutura muscular mais adequada para prevenir uma lesão de joelho, de tornozelo, de coluna lombar. Então tu tens que ter o acompanhamento de um nutricionista para te dar o suporte de alimentação correta. São coisas simples, mas que auxiliam na prevenção. Depois tu tens medidas de treinamento em terreno adequado, em quadra adequada, evitan-

do a sobrecarga de fazer treinamentos contínuos, repetitivos. É preciso saber a hora de dar uma parada”.

Fábio Krebs também comenta a falta de preparação psicológica: “Isso acaba gerando uma frustração muito grande nessas pessoas quando tu não fazes um trabalho preventivo”. Para os atletas que estão em formação, é importante que eles saibam se o seu perfil físico é compatível com o esporte que praticam. “Teremos agora a Copa do Mundo e as Olimpíadas. Será um período de procurarmos trabalhar a prevenção; terá muita gente querendo praticar esporte. Vamos falar de futebol, de atletismo e de jogos olímpicos durante os próximos cinco ou seis anos”, diz o médico, alertando para a importância das orientações sobre os exercícios.

Equilíbrio – Outra área extremamente relevante para este tema é a fisioterapia. “Hoje em dia, o tratamento ortopédico de lesões ligadas à área esportiva não existe sem a atuação do fisioterapeuta. É um trabalho em comum e também agregado à reeducação física. São segmentos que colaboram para uma recuperação plena e, principalmente, para a prevenção de lesões. Trabalho projetado de uma maneira correta, discutido por todos os membros de uma comissão técnica: treinador, médico, fisioterapeuta, educador físico.

Os pontos fracos nos esportes

LESÃO	ESPORTE
Joelho	futebol, vôlei
Ombro	volêi, tênis
Cotovelo	basebol, tênis
Punho	vôlei, basquete
Quadril	tênis
Coluna	halterofilismo, salto
Muscular	atletismo, futsal
Cervical	rúgbi, futebol americano
Tornozelo	atletismo, tênis, futebol, basquete, vôlei

O preparador físico não pode chegar e propor hoje um treino intervalado, sendo que os atletas fizeram um treino intenso no dia anterior. É necessário haver um tempo de recuperação, de repouso desse grupamento muscular que foi exigido, para que tu possas depois fazer um trabalho um pouquinho mais intenso. Tem que haver um equilíbrio”, explica o médico ortopedista.

Fisioterapia na UFRGS – O Laboratório de Pesquisa do Exercício (Lapex) da Escola de Educação Física, situado no Câmpus Olímpico, disponibiliza um serviço de fisioterapia. Os atletas da Universidade são atendidos gratuitamente, enquanto alunos da UFRGS têm 75% de desconto e a comunidade em geral paga valores próximos dos de mercado. A ideia é que, no futuro, o atendimento seja realizado via SUS. Na manhã de uma sexta-feira, o fisioterapeuta Rodrigo Mantovani e o estagiário Diego Pereira, do 6.º semestre de Fisioterapia (integrante da primeira turma do curso na Universidade) atenderam no período de pouco mais de uma hora três alunos com lesões resultantes de práticas esportivas.

Rodrigo Rodrigues, estudante de Educação Física, era jogador de vôlei da UFRGS até o ano passado. Preciso largar a equipe, em função das constantes dores que tinha no ombro e porque não conseguia mais conciliar horários de treinos e aulas. “Ele foi ao médico, não obteve diagnóstico. A fazer algumas investigações com exames de imagem, mas está sem convênio médico e resolveu esperar. Então, estamos tratando funcionalmente a lesão dele. Ele tem um possível impacto do ombro no movimento esportivo. Sempre no momento do ataque ele tinha dor, ou no pós-treino. Identificamos um impacto do ombro e estamos tratando funcionalmente a estabilidade com os músculos do local, para que, quando ele faça esse movimento, a cabeça do úmero [que é o osso da junção do braço e do ombro] esteja bem cooptada com a cavidade glenóide, para que não suba e não tenha impacto sobre as estruturas moles”, esclarece o fisioterapeuta, informando que os procedimentos utilizados são laser, ultrassom e treinamento biométrico e de força.

A também aluna de Educação Física Larissa Soares atualmente está afastada do time de futsal da Universidade, do qual é goleira. Ela sofreu uma lesão (ruptura parcial do ligamento colateral medial) no joelho durante o alongamento antes de um jogo. Na fisioterapia, faz sessões de analgesia e exercícios de reforço. O seu tratamento tem previsão final de dois meses, e a cicatrização levará de quatro a cinco semanas, segundo Mantovani. Como não tem convênio, Larissa espera há dois meses para realizar uma ressonância magnética do joelho pelo SUS.

O novato no curso de Odontologia Rafael Bischoff também chegou para a sessão de fisioterapia na ESEF. Ele fazia jiu-jitsu e teve uma contusão no ombro, especificamente na articulação acromioclavicular. Segundo o diagnóstico médico, foi um rompimento parcial. A ressonância magnética mostrou uma hemorragia no local. Rafael está no início do tratamento e ainda sente muitas dores.



FLÁVIO DUTRA/JU



Nos moldes da rua

Artes plásticas *A pintura com estênceis ganha espaço nas paredes da cidade e também se apresenta como expressão artística e possibilidade profissional*

Everton Cardoso

Para fazer um estêncil é simples: basta seguir as instruções de um vídeo qualquer disponível no YouTube. Primeiramente, escolha uma imagem qualquer e salve-a. Podem ser fotos, desenhos ou ilustrações. A seguir, abra esse arquivo com algum software de edição de imagens e altere as cores até que reste apenas uma versão simplificada da imagem com elementos pretos sobre o fundo branco. Com estilete, recorte as partes em preto, que, depois, ficarão vazadas e serão pintadas. Então, é só afixar o estêncil na parede com fita adesiva e usar spray para pintar. Ao retirar o molde, a figura fica estampada.

Apesar da facilidade de se produzirem estênceis usando um computador, a técnica não é novidade. De acordo com a professora de pintura do Instituto de Artes da UFRGS Lenora Rosenfield, essa forma de pintar remonta à Pré-História. “Vem lá da arte rupestre, quando o homem fez o contorno da mão ou a entintou e estampou nas paredes das cavernas”, conta. A particularidade, segundo a artista e restauradora, é que há aproximadamente 25 mil anos essa era uma forma de expressão cujo sentido diferia do que atribuímos à arte feita em muros hoje. “Esse tipo de manifestação só foi se modificando de acordo com os diferentes momentos da história”, acrescenta.

Associar a arte de rua feita em paredes a vandalismo tem sido uma constante na história. Lenora destaca que, à época da Inquisição, as mulheres consideradas bruxas eram pichadas, ou seja, pintadas com piche ou betume. O mesmo se via nas paredes das casas e conventos, normalmente vandalizadas por desafetos. “A pichação acabou tendo uma conotação negativa, pois nesse período tinha essa intenção de tachar alguém de alguma coisa. Atualmente,

não acho que a arte de rua seja um protesto”, esclarece a professora. Ela cita como exemplo a arte de rua feita pelo artista e muralista mexicano David Siqueiros (1896-1974), que fazia murais externos porque queria que todos vissem o que estava fazendo. Hoje, alguns artistas também querem que as coisas que eles fazem sejam vistas pela população toda, e não só na casa de alguém ou no museu.

Ainda que, aos poucos, esse sentido de protesto tenha sido perdido, tende-se ainda a atribuir um sentido negativo à arte de rua, principalmente pela questão da invasão do espaço. “Às vezes é um espaço que a pessoa acha que está sobrando e decide pintar ali. Mas nem sempre o dono daquela parede concorda que esteja sobrando, o que acaba causando muita polêmica. Os donos do edifício se sentem invadidos”, pondera. Por razões como essa é que a arte de rua acaba sendo uma forma bastante polêmica.

Arte de passagem – Além de ser motivo de debates sobre a questão do espaço que ocupa, a arte de rua tem um caráter bastante particular: não se espera que o público a fique admirando durante um longo tempo. De acordo com a artista plástica e professora do Instituto de Artes Fátima Junqueira, “é uma arte para ser vista quando se passa; ela tem que causar impacto”. Isso acontece porque nessas pinturas existem símbolos que identificam nossa cultura visual e até dialogam com a história da arte. É por essa razão que ocupam espaços públicos e de visibilidade, têm grandes dimensões e trazem ícones muitos conhecidos da história, da política ou mesmo da cultura *pop*.

Essa arte é para ser vista de passagem, estabelecendo um diálogo com expressões mais associadas à publicidade e em consonância com a cultura

contemporânea. Fátima vê nisso um diálogo com o Pop Art – movimento artístico que nasceu nos anos 1930 na Inglaterra e ganhou força nas décadas seguintes no resto do mundo, principalmente nos Estados Unidos. “Quando Andy Warhol e os artistas do Pop Art começaram a trazer as coisas da cultura visual e da mídia e para a pintura, já colocavam em questão essa relação com elementos impactantes da linguagem publicitária”, analisa. Warhol, por exemplo, produziu várias séries de pinturas e serigrafias que reproduziam garrafas de refrigerante, latas de sopa ou rostos de celebridades.

“Há na arte de rua muita influência do Pop Art”, concorda Lenora. E a professora enfatiza que os estênceis, assim como as telas de serigrafia, sempre estiveram presentes nesse movimento. “Artistas como Andy Warhol e Jasper Johns também usavam moldes e os repetiam. Pintavam de várias maneiras, de várias cores”, explica. As imagens de ícones como Mickey Mouse e Marilyn Monroe eram pintadas em séries; a forma era sempre a mesma, só variavam as cores – sempre vibrantes. Propunham, então, questões relativas à produção em série e à sedução buscada pela linguagem visual da publicidade, de alguma maneira reproduzidas na arte de rua hoje, inclusive nos estênceis.

Fenômeno típico das grandes cidades, a arte de rua também traz à tona uma discussão sobre a aparência do espaço urbano – num contexto em que há muita informação visual que desvia a atenção dos transeuntes. Para Fátima, a arte de rua disputa a atenção com a publicidade, os carros e os edifícios, ao mesmo tempo que se destaca por ser algo inusitado. “A boa arte de rua é aquela que consegue chamar atenção e nos leva a refletir sobre alguma coisa, seja algo político ou mesmo estético”, reforça. É, portanto, uma forma de pintura

cujas preocupações estão muito mais voltadas à relação com o público, no sentido de ser notada no cenário urbano. “Um artista de rua não está preocupado com a pincelada de uma certa maneira, com a textura que vai criar”, ensina Fátima. Principalmente porque não há tempo para isso, nem a superfície do muro é apropriada para sutilezas – essa uma característica da pintura feita por artistas em ateliês. Nesse sentido, o estêncil é apropriado por ser uma forma rápida de pintura. Além de dar conta da necessidade técnica para a obtenção do resultado desejado pelos artistas, possibilita àqueles que ainda pintam na rua uma forma de fazê-lo rapidamente.

Tanto o estêncil especificamente quanto a arte de rua de uma maneira geral têm estabelecido um diálogo bastante próximo com a pintura. Segundo Fátima, essa expressão já faz parte da história da pintura e serve de referência: “Somente o tempo mostrará que importância ela terá”. A aproximação é comprovada pelo diálogo da linguagem da pintura com a arte de rua – sobretudo com a aplicação de técnicas como spray e estênceis no espaço mais reduzido e limitado das telas. Outro resultado desse processo é a transformação da arte de rua em mercadoria, como já acontece com expressões mais consagradas, como a pintura e a escultura.

Seja como técnica única, seja combinada com outras formas de pintura, a realidade é que o estêncil representa uma possibilidade para os artistas – profissionais ou não. Práticas que remontem à época das cavernas, a pintura com moldes e o uso das paredes como suporte têm seu lugar assegurado na história da arte. Resta saber que rumos tomam a partir de agora, já que se criou uma linguagem muito forte, e ela está influenciando diferentes formas de pintura.

Viver de arte

A transformação da arte de rua em mercadoria gerou formas de comercialização que permitiram aos artistas encará-la como profissão. Tridente é um exemplo disso: começou sua carreira produzindo estênceis para estampar camisetas de suas bandas favoritas e pintando nas ruas para divulgar esse trabalho. No final dos anos 90 e início dos anos 2000, quando os coletivos de artistas se multiplicaram e se firmaram em Porto Alegre, o artista começou a levar mais a sério o que vinha desenvolvendo e aos poucos criou uma linguagem própria. “Meu trabalho tem uma conexão com o esotérico, com a busca do artista. Querendo ou não, sempre acabo expressando a minha vivência, as

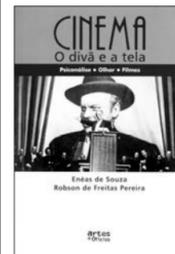
minhas ideias”, destaca o artista.

Autodidata, Tridente conta que somente depois de inserir-se no meio artístico e relacionar-se com outros artistas é que seu trabalho começou a ganhar repercussão. Antes disso, pintou sozinho por 7 anos na rua. Sua produção é variada: além do estêncil, utiliza inúmeras superfícies, trabalha com computador, costura, usa tinta e também nanquim. Quanto à aceitação de seu trabalho, diz que muitas vezes recebe elogios. “Fiz um painel no Partenon, perto da Princesa Isabel. Tinha ocorrido uma eleição recentemente e restaram cartazes em uma parede. Então, eu comecei a pintar com um amigo, e as pessoas dos arredores começaram a gostar. A polícia

até apareceu por lá, mas não aconteceu nada”, conta.

Quem passa pela Praça da Alfândega e observa os tapumes que ficam em frente ao Memorial do Rio Grande do Sul verá ali uma série de estênceis. Com permissão da coordenação da obra que está sendo executada naquele espaço, Lucas Almeida realizou uma intervenção: com um amigo, pintou dezenas de imagens. Há de tudo: anjos, borboletas e personagens de desenhos animados e jogos de videogame. Ao contrário de Tridente, o estudante e estagiário da prefeitura diz não ter pretensões de seguir a carreira de artista – quer estudar Artes Cênicas na Universidade –, mas por enquanto diverte-se com a facilidade do estêncil.

JU indica



Cinema: O divã e a tela

Enéas de Souza e Robson de Freitas Pereira
Editora Artes e Ofícios, 2011,
192 págs.
R\$ 39

Propondo o diálogo entre psicanálise e cinema – duas áreas cujo nascimento ocorreu no final do século XIX –, acontece em Porto Alegre desde 2005 o seminário *O divã e a tela*, promovido pela Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA). A coordenação da atividade é do psicanalista Robson de Freitas Pereira e do filósofo, economista e crítico de cinema Eneás de Souza. Em agosto, eles lançaram uma coletânea de artigos fruto desses debates, resgatando filmes discutidos desde a primeira edição, como *Cidadão Kane* (Orson Welles, 1941) e *Os Sonhadores* (Bernardo Bertolucci, 2003), até o primeiro analisado em 2011, *Tropa de Elite 2* (José Padilha, 2010).

Além dos ensaios dos autores, ainda foram convidadas a escrever sobre um título de sua escolha as psicanalistas Lucia Serrano Pereira, Ana Costa, Ana Lucília Rodrigues e Maria Ângela Cardaci Brasil. Ao todo, 15 artigos e 12 filmes são tomados como ponto de partida. Como deixou claro Robson na sua introdução, o que se faz é promover “o encontro de dois discursos diferentes, com objetivos e propostas diversas, mas que podem ter alguns pontos de cruzamento no vasto campo da linguagem”.

Na apresentação da edição, o cineasta Carlos Gerbase afirma: “O filme não é espelho da realidade. É quase um inconsciente do real, a ser lido e interpretado como uma mentira reveladora”. Enéas de Souza garante que nem no seminário nem na obra é realizada uma psicanálise aplicada: “Não se psicanalisa um personagem de celuloide ou um personagem em digital”. Gerbase já dizia que o crítico “sempre foi um pensador de olhos bem abertos para o concreto mal-estar de nosso país”. Isso fica claro no texto *Os Filhos de Saturno*, em que o ex-professor fala sobre o documentário *Santiago*, de João Moreira Salles. “A sua estratégia cinematográfica e narrativa e astuta filma o mordomo da casa da sua infância para filmar a si. Faz o mordomo contar a sua história, relembrar certos brilhos da sua profissão e falar da sua admiração pela aristocracia – por ricos, poderosos e artistas.” Para Enéas, o cineasta também se mostra – ou se percebe – prisioneiro do antigo casarão da sua família no bairro da Gávea, no Rio de Janeiro.

Sobre *A Origem* (2010), Robson é enfático ao defender que “o filme de Christopher Nolan, ao tratar os sonhos como a origem de todas as respostas, para o bem e para o mal, faz uma homenagem simultânea ao próprio cinema – a função dos sonhos como via régia para o inconsciente [...] e a nossa própria capacidade de compartilhar ideias e amar”.

Fica, para o leitor desta obra, uma reedição da velha crítica cinematográfica desenvolvida no Rio Grande do Sul, aquela inaugurada por P. F. Gastal nos tempos áureos de debates no Clube de Cinema de Porto Alegre. Os textos são completos, fornecem a interpretação das narrativas, contextualizam determinada obra na filmografia do diretor e a partir daí fornecem novos sentidos ao mero olhar. É uma leitura impossível de se ter hoje na mídia, em que os autores consideram que jogar adjetivos em uma página e dar detalhes da produção é um serviço crítico.

Para quem quiser ter contato com esse seminário, ainda acontecem mais duas edições neste ano. Em 16 de setembro, o mote será o oscarizado *O Discurso do Rei* (Tom Hopper, 2010). Os encontros ocorrem da sede da APPOA (Faria Santos, 258), sempre às sextas-feiras, às 19h. (CAROLINE DA SILVA)



Teatro Originado no Departamento de Arte Dramática, grupo coleciona prêmios em apenas sete anos

Cotidiano cáustico e corrosivo

FLÁVIO DUTRA/JU



Em cartaz, *Breves entrevistas com homens hediondos*, adaptação do Sarcástico para a obra homônima de David Foster Wallace

Caroline da Silva

O espetáculo *Wonderland e o que M. Jackson encontrou por lá* levou quatro Prêmios Açorianos no ano passado, incluindo a melhor montagem. O Teatro Sarcástico, grupo responsável pela peça, confirmou o favoritismo que lhe era atribuído, mesmo com a política do júri de distribuir as distinções entre todas as produções nominadas. Foram contemplados Daniel Colin – um dos fundadores do grupo – com a melhor direção, Daniel Lion na categoria figurino e Rodrigo Marquez e Fernanda Marques com a melhor produção, além de *Wonderland...* ter sido eleito o melhor espetáculo. Ao receber a estatueta, Marquez – o Príncipe da peça – disse que o elenco se surpreendeu com o sucesso de público, “ainda mais em Porto Alegre, onde se recebe mais pedras do que flores”. A montagem (com financiamento do Fumproarte) abordava a vida e a obra do “Rei do Pop”, Michael Jackson, inseridas no mundo de Alice no País das Maravilhas, Através do Espelho e Peter Pan e Wendy.

Mais prêmios – O grupo também foi o que recebeu o maior número de troféus na cerimônia de entrega dos Prêmios Açorianos de Teatro e Tibicuera de Teatro Infantil 2008, levando seis troféus por dois de seus espetáculos: o infantil *Jogo da Memória* (Troféu RBS Cultura de Melhor Espectáculo/Júri Popular e Melhor Diretor, Ator Coadjuvante, Dramaturgia e Cenografia) e *A Vida Sexual dos Macacos* (Açorianos de Dramaturgia, além do Prêmio Braskem de Melhor Ator, dentro do Festival Porto Alegre em Cena). Em 2009, realizou com financiamento do Fumproarte a *Mostra Teatro Sarcástico 5 anos*, promovendo 44 apresentações gratuitas de cinco espetáculos de seu repertório.

Atualmente, o Teatro Sarcástico é um dos grupos que integram o *Usina das Artes* da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre. “É um projeto que trouxe muitos acréscimos à cultura e à arte de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul. Aquele espaço esteve ocioso há alguns anos, mas hoje vemos vários grupos e artistas usufruindo de um centro cultural que é modelo para outras cidades do país. E o público cada vez mais compreende a Usina do Gasômetro como polo artístico”, comenta Daniel Colin.

O ator e diretor fala sobre a quantidade de prêmios que seu grupo tem recebido recentemente, e que fazem com que ele próprio seja apontado como um dos realizadores mais criativos dos últimos tempos: “É evidente que os prêmios trazem uma alegria enorme, já que vemos nosso trabalho valorizado e reconhecido pelos outros profissionais da nossa área. No entanto, tenho absoluta certeza de que eles não

são nada além disso. Os problemas encontrados por um profissional de teatro em nossa cidade não são superados por premiações ou elogios. A classe teatral porto-alegrense ainda luta para se desvencilhar do amadorismo (isto no meu ponto de vista!), e por isso as discussões sobre os possíveis modos de tornar nosso trabalho cada vez mais profissional estão se tornando mais e mais frequentes. Carecemos de políticas públicas e privadas mais plausíveis e de financiamentos que nos permitam pagar os profissionais cênicos decentemente”.

Poder político do riso – A peça do grupo em cartaz, *Breves entrevistas com homens hediondos*, venceu o Prêmio de Incentivo à Pesquisa teatral no Teatro de Arena para 2011, conferido pela Secretaria de Estado da Cultura. Segundo Colin, ele possibilita a grupos de teatro a residência artística no Arena por um semestre, período no qual ensaia e realiza atividades que construam um espetáculo. “O mais interessante é que não é um prêmio de montagem; o objetivo não é construir uma peça. O foco reside na pesquisa teatral, ou seja, nos processos de criação da cena. Para tanto, dois grupos são selecionados anualmente (um por semestre), e cada um recebe um financiamento de R\$ 30 mil para a execução de todas as atividades vinculadas à pesquisa. É um prêmio extremamente instigante e que deveria servir de exemplo a outras iniciativas.” Desde o final de março, o Sarcástico ensaiava *Breves...*, que estreou em 28 de julho. “Pra nós, é [um tempo] bastante curto, em se tratando de um processo de pesquisa cênica.” Conforme o diretor, o último trabalho, *Wonderland...*, só foi finalizado após oito meses de ensaios diários com uma equipe de mais de 25 profissionais.

Para a nova montagem, foram realizados sete ensaios abertos, nos quais o público pôde perceber a evolução de um espetáculo, desde a criação da dramaturgia cênica até a finalização. “Se é que uma obra artística pode ser considerada finalizada”, observa Colin. Segundo ele, essa é uma prática do grupo há algum tempo. “O auge se deu no *Wonderland...*, que foi apresentado no mezanino da Usina do Gasômetro, local onde ensaiamos inúmeras vezes e em diversos horários, inclusive aos domingos ensolarados, nos quais os transeuntes iam parando, observando e depois davam seus ‘pitacos’ sobre as cenas. Os ensaios abertos nos possibilitaram – e possibilitam ainda! – uma troca mais efetiva com nosso público e, de quebra, aliviavam a pressão do ‘dia da estreia”.

Os temas constituem uma característica do Sarcástico: “A temática das peças envereda por assuntos que nos toquem, instiguem e incomo-

dem; assuntos que sentimos que precisamos discutir. Normalmente são temas pesados, densos, mas lidamos com eles de muito bom humor. Acreditamos no poder reflexivo da comédia. Acreditamos no poder político do riso. Rimos de nós mesmos, de nossa existência, para, assim, refletir sobre ela”. Na avaliação dos integrantes, David Foster Wallace – autor do livro de contos em que a montagem em cartaz se baseia – pensava da mesma forma. “Sua escrita é irônica, desafiadora, densa, engraçada e visceral. Não acho que ele tenha um lado ‘sarcástico’, seria muita prepotência. Mas acho que nós temos um lado ‘David Foster Wallace!’”, finaliza o diretor.

A gênese no DAD – Andressa Cartegiani recorda que a ideia de criar o Teatro Sarcástico dentro da UFRGS surgiu no trabalho de conclusão do curso de graduação em Artes Cênicas – habilitação em Interpretação Teatral, em 2004. Ela – na época Andressa de Oliveira –, Tatiana Mielczarski e Daniel Colin se juntaram para montar o espetáculo *Homens Gordos de Saia*, do dramaturgo Nicky Silver. “O trabalho foi gratificante e prazeroso, e o resultado ficou muito interessante. Logo, resolvemos seguir com ele profissionalmente. Para entrar em editais seria mais fácil termos um grupo. E como o espetáculo que nos unia até então era o *Gordos...*, e o texto carregava consigo um humor negro e sarcástico, daí surgiu o nome e fundação do grupo: esse humor ácido que depois acabou fazendo parte de outros trabalhos.” Em sete anos, foram desenvolvidos oito espetáculos (incluindo teatro infantil e teatro de rua).

Hoje, Andressa não faz mais parte do Sarcástico. A atriz morou até março em São Paulo e, de volta a Porto Alegre, ingressou na Cia Espaço Em Branco. “Eu segui até 2006 no grupo. A peça *Homens Gordos de Saia* sofreu muitas modificações e criações nossas em cima do texto do Nicky Silver, o que resultou no trabalho *Gordos ou Somewhere Beyond the Sea*, do qual fiz parte até largar o grupo.” Ela também participou de outro trabalho, *O Mudo Passeio do Dr. Queijando*, com poesias de Mario Quintana.

Já Tatiana Mielczarski lembra que o nome Teatro Sarcástico é uma fusão de duas fortes características que permeiam a dramaturgia criada ou escolhida pelo grupo: “O uso do sarcasmo cáustico e corrosivo, utilizado como ferramenta crítica ao nosso (muitas vezes absurdo!) cotidiano”. Hoje ela trabalha como atriz colaboradora do grupo. Em *Breves entrevistas...*, participa sob a forma de uma projeção em vídeo, de um pequeno monólogo do livro de Wallace.

Improviso que revela emoções

A fim de mostrar o crescimento de um aluno em formação no Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da UFRGS, a reportagem perguntou aos fundadores do Teatro Sarcástico “Qual o professor, em que disciplina, marcou mais a sua trajetória no DAD? Por quê?”. A pergunta era desprezível, banal até, simplesmente para desvendar um pouquinho o interior de um ambiente acadêmico não reconhecido por muitos como tal. Afinal, academia é pesquisa, esforço teórico, leituras, tubos de ensaio, cálculos, hipóteses e resultados.

A atriz Tatiana Mielczarski recordou de um episódio que ilustra perfeitamente a função de um professor dentro de uma graduação em Artes Cênicas – hoje denominada somente Teatro. “A disciplina que mais me marcou no DAD foi Interpretação III (creio eu), com a professora Gisele Cechini. Lembro que cada aluno havia criado uma ‘partitura’ de movimentos, tendo como base uma improvisação com um giz de cera imaginário.” Ela compôs uma cena com contornos leves e poéticos, pela influência do balé clássico que praticava desde a infância: “Não representava desafio algum para mim. Foi então que a Gisele me pediu para fazer a cena de novo e de novo. Ela pediu que eu corresse de uma parede à outra na sala, muitas vezes. Eu já estava muito ofegante, mas ela não me deixava parar. Aquilo me provocou um sentimento de raiva e humilhação, então refiz minha cena explorando esses dois sentimentos. Ao final da aula, chorei como uma criança, com bastante raiva. Não da professora, mas de mim mesma. Foi preciso passar por essa experiência para que eu percebesse que poderia, sim, inventar outra forma de me expressar, sendo bela, horrorosa, séria, cômica ou dramática”. Naquele momento, o seu cotidiano – com as provocações da docente – lhe impôs emoções que foram fundamentais para uma criação de improviso.

Espectáculo Breves entrevistas com homens hediondos

Adaptação para o teatro dos contos do escritor norte-americano David Foster Wallace, reunidos em livro homônimo, abordando chantagens emocionais, fantasias sexuais, crises de relacionamento, quebras de tabu e crítica à cultura de massa.
Direção: Daniel Colin
Elenco: Daniel Colin, Guadalupe Casal, Ricardo Zigomático e Rossendo Rodrigues
Local: Teatro de Arena (Av. Borges de Medeiros, 835)
Sextas a domingos, às 21h, até 28 de agosto
Ingressos: R\$ 20,00 (50% de desconto para artistas, estudantes e idosos)

Redação | Caroline da Silva | Fone: 3308-3368 | Sugestões para esta página podem ser enviadas para jornal@ufrgs.br

DESTAQUE



Encontro no palco

Egberto Gismonti se apresenta com a Orquestra de Câmara do Theatro São Pedro

Tempomúsicapensamento Virtuosismo marca a próxima edição do projeto Unimúsica

A atração de setembro do projeto Unimúsica, Egberto Gismonti, esteve no Palco do Salão de Ato em 2004, na *Série Piano e Voz*, com Marlui Miranda. Sete anos depois, retorna para se apresentar ao lado da Orquestra de Câmara do Teatro São Pedro, sob a batuta do maestro Antônio Carlos Borges-Cunha. O espetáculo ocorre no dia 1.º de setembro, às 20h (com distribuição de senhas mediante a doação de um quilo de alimento não perecível na segunda, 29 de agosto, a partir das 9h, no mezanino do local). No dia anterior ao espetáculo, 31 de agosto, também às 20h, acontece o Ensaio Aberto com Egberto Gismonti e a OCTSP no Salão de Ato da UFRGS.

Nascido em berço musical, o violonista e pianista Egberto Gismonti se apresentou em Porto Alegre pela última vez no ano passado no StudioClio – espaço do qual participou da inauguração em 2005. Seu filho, Alexandre Gismonti, também músico, esteve na capital em maio. O pai é compositor, cantor e arranjador e um virtuoso da música instrumental, destacando-se

pela sua capacidade de experimentação. Em 2009, lançou o trabalho *Saudações*, composto de dois CDs. O primeiro, em forma de suíte, contou com a colaboração da Orquestra Cubana Camerata Romeu. Já o segundo, em formato de duo de violões, tem como convidado o próprio filho. Ambos foram resultado de uma parceria entre a gravadora alemã ECM e o seu próprio selo, o Carmo Records.

Tendo lançado mais de 50 discos, Egberto é dono de uma das obras mais vastas e coerentes da música brasileira. Gismonti também atua compondo para balé e para o cinema – nos últimos 10 meses produziu trilhas para cinco filmes: *Tempos de Paz*, *Wenceslau* e *a Árvore do Gramophone*, *Chico Xavier*, *Senhor do Labirinto* e *Marajó, Caruanas*.

Recentemente, trabalhou com a orquestra Pro Arte do nordeste brasileiro (Olinda, João Pessoa e Recife). O músico também viaja com certa frequência ao Japão para realizar concertos, tendo firmado acordo de três anos para atuar como compositor do Sumida Tryphoni Hall com a Nova

Filarmônica de Tóquio.

A Orquestra de Câmara Theatro São Pedro, criada em 1985, tem construído uma trajetória alicerçada em valores, como a originalidade, a ousadia e a inovação. Sua programação de concertos busca conciliar o repertório histórico com as múltiplas tendências da música atual, incluindo encomendas e estreias de obras. A superação das fronteiras entre a música de concerto e a música popular é outra característica de sua atuação. Grandes nomes da música brasileira já dividiram o palco com a OCTSP, como Zé Miguel Wisnik, outro *habitué* do Unimúsica. O regente Antônio Borges-Cunha é professor do Departamento de Música e do Programa de Pós-graduação em Música da UFRGS. Atua ainda como regente titular da Orquestra de Câmara Fundarte e diretor artístico da Orquestra de Câmara do Theatro São Pedro. Com o magnífico piano do Salão de Ato da UFRGS, o grupo de músicos reserva surpresas para o encontro inédito nesse palco. Mais informações pelo site www.difusaocultural.ufrgs.br.

CINEMA

História no Cinema para Vestibulandos 2011

Ciclo da Pró-reitoria de Extensão em parceria com o CineBancários, precedido de palestras com estudantes e professores de História da UFRGS. As sessões têm entrada franca e ocorrem no primeiro e no último sábado de cada mês.

Nova República: ÚLTIMA PARADA 174 (BRA, 2008, 110min), de Bruno Barreto
Reconstrução ficcional da trajetória do jovem responsável pelo sequestro ocorrido no Rio de Janeiro em 2000. Palestrantes: Cássia Pires e Carlos Torcato
Sessão: 3 de setembro, às 9h30min

CineDebate Direitos Humanos

O projeto, parceria da Faculdade de Educação com a Sala Redenção, tem uma edição mensal. Os filmes selecionados proporcionam o debate sobre temas como o combate à violência e à discriminação e o acesso à justiça.

12 HOMENS E UMA SENTENÇA (EUA, 1957, 96min), de Sidney Lumet
Doze jurados precisam decidir se um homem deve ser condenado à pena de morte pelo assassinato do qual é acusado.
Sessão: 21 de setembro, 19h
Entrada franca

MÚSICA

Vale Doze e Trinta

Retorno do projeto da Difusão Cultural que abre espaço para novos artistas.



REVOLUÇÃO RS

Formada por Carlos Cristiano Gonçalves, Gerson Jr. dos Santos Guterres, Anderson Campos Rambo, Cássio de Albuquerque Maffioletti, Johnatan Souza de Oliveira, Ângela Cristina Garcia dos Santos e Maurício da Silva, a banda Revolução RS lançou em 2003 o EP *Russo*, um cd com cinco faixas. No início deste ano, o grupo iniciou seu novo projeto: o primeiro DVD, contendo vários shows e a história da banda durante todos esses anos de atuação no hip-hop gaúcho e brasileiro.

Data: 13 de setembro (caso chova, será transferido para o dia seguinte)
Local e horário: Praça Central do Câmpus do Vale, às 12h30min
Entrada franca

FELIZ ANO VELHO (Brasil, 1987, 105 min), de Roberto Gervitz
Preso a uma cadeira de rodas depois de um acidente, jovem recorda os acontecimentos que viveu na adolescência.

Entre Golpes e Revoluções

A mostra traz 15 filmes que apresentam o contexto histórico nas Américas do Sul e Central. O ciclo tem curadoria de Tânia Cardoso, com o apoio do Centro de Entretenimento E o Vídeo Levou. As sessões ocorrem na Sala Redenção e têm entrada franca.



CHE (Espanha, 2008, 131 min), de Steven Soderbergh
Em 26 de novembro de 1956, Fidel Castro viaja do México a Cuba com oito rebeldes, entre eles Ernesto "Che" Guevara e seu irmão Raul.
Sessões: 1.º de setembro, 16h; 21 de setembro, 16h

ESTADO DE SÍTIO (França, 1972, 120 min), de Costa Gavras
Guerrilheiros sequestram diplomata brasileiro e um cidadão americano para exigir a libertação de militantes presos.
Sessões: 1.º de setembro, 19h; 2 de setembro, 16h

O SONHO NÃO ACABOU (Brasil, 1981, 99 min), de Sérgio Rezende
Retrato da geração que viveu intensamente os anos 70, tendo como pano de fundo o cotidiano de jovens de Brasília.
Sessões: 2 de setembro, 19h; 5 de setembro, 16h

ELES NÃO USAM BLACK-TIE (Brasil, 1981, 134 min), de Leon Hirszman
Conflitos, contradições e ansios da classe trabalhadora no final dos anos 1970.
Sessões: 5 de setembro, 19h; 6 de setembro, 16h

A HISTÓRIA OFICIAL (Argentina, 1985, 113 min), de Luis Puenzo
Professora de História desconfia que a menina que adotou seja filha de vítima da repressão militar argentina.
Sessões: 6 de setembro, 19h; 8 de setembro, 16h

SOB FOGO CERRADO (EUA, 1986, 128 min), de Roger Spottiswoode
Fotojornalista deve decidir de que lado ficará na guerra entre o governo da Nicarágua e os rebeldes sandinistas.
Sessão: 8 de setembro, 19h

SALVADOR – O MARTÍRIO DE UM POVO (EUA, 1986, 123 min), de Oliver Stone
No cenário da guerra civil de El Salvador, jornalista fracassado tenta recuperar seu prestígio documentando as tragédias do conflito.
Sessão: 9 de setembro, 16h

O QUE É ISSO COMPANHHEIRO? (Brasil, 1997, 105 min), de Bruno Barreto
Reconstrução ficcional do sequestro do embaixador americano no Brasil, baseado no livro de Fernando Gabeira.
Sessões: 14 de setembro, 19h; 15 de setembro, 16h

Sessões: 9 de setembro, 19h; 12 de setembro, 16h

A CASA DOS ESPÍRITOS (Alemanha, 1993, 145 min), de Billie August
Três gerações de amores e desilusões da família Trueba, baseado em best-seller de Isabel Allende.
Sessões: 12 de setembro, 19h; 13 de setembro, 16h

LAMARCA (Brasil, 1994, 129 min), de Sérgio Rezende
Crônica dos últimos anos na vida do capitão do exército que fez oposição à ditadura militar.
Sessões: 13 de setembro, 19h; 14 de setembro, 16h

O QUE É ISSO COMPANHHEIRO? (Brasil, 1997, 105 min), de Bruno Barreto
Reconstrução ficcional do sequestro do embaixador americano no Brasil, baseado no livro de Fernando Gabeira.
Sessões: 14 de setembro, 19h; 15 de setembro, 16h

KAMTCHATKA (Argentina, 2002, 105 min), de Marcelo Piñeyro
Na década de 70, família argentina se vê obrigada a fugir para escapar da ditadura.
Sessões: 15 de setembro, 19h; 16 de setembro, 16h



ZUZU ANGEL (Brasil, 2006, 103 min), de Sérgio Rezende
Famosa estilista combate o sistema após seu filho ser morto pela ditadura.
Sessões: 16 de setembro, 19h; 19 de setembro, 16h

CHE 2: A GUERRILHA (Espanha, 2008, 133 min), de Steven Soderbergh
A história da campanha boliviana de Che: um conto de tenacidade, sacrifício e idealismo que desemboca na morte do revolucionário.
Sessões: 19 de setembro, 19h; 22 de setembro, 16h

CIDADÃO BOILESEN (Brasil, 2009, 92 min), de Chaim Litewski
O documentário revela as ligações de Henning Albert Boilesen (1916-1971), presidente do famoso grupo Ultra, da Ultragaz, com a ditadura militar.
Sessões: 22 de setembro, 19h; 23 de setembro, 16h

O SEGREDO DOS SEUS OLHOS (Argentina, 2009, 124 min), de Juan José Campanella
Após trabalhar a vida toda em um tribunal, Benjamín Espósito se aposenta, o que lhe permite realizar um sonho: escrever um romance baseado em um crime em que trabalhara anos antes.
Sessão: 23 de setembro, 19h

EXPOSIÇÃO

Tempos Contemporâneas - 3.º módulo

Sob a curadoria de Rodrigo Núñez e Patrícia Bohrer, a Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do IA/UFRGS apresenta o terceiro módulo da exposição, reunindo obras representativas da linguagem múltipla e híbrida da Arte Contemporânea. Formados em 2010/2, os participantes dessa edição são: Ana Bettini, Alice Melo, Camila Vargas, Eduardo Vianna, Geórgia Rosito, Júlia Corrêa, Manu Raupp, Mariana Betti, Roseli D'Amorim, Tathiana Jaeger e Virgínia Souza.
Visitação: até 26 de agosto
Local e horário: Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, das 10 às 18h, de segunda a sexta
Informações: iapin@ufrgs.br
Entrada franca



Direitos Humanos: imagens do Brasil

Exposição itinerante pelas capitais brasileiras cujo material provém do livro *Direitos Humanos - Imagens do Brasil*, contendo o resultado de pesquisa iconográfica e contemporânea de imagens que recuperam a trajetória do tema no país.

Visitação: até 16 de setembro
Local e horário: Museu da UFRGS, das 9 às 18h, de segunda a sexta
Informações: museu@ufrgs.br
Entrada franca

ONDE?

► **Auditorium Tasso Corrêa**
Rua Senhor dos Passos, 248
Fone: 3308-4318

► **Museu da UFRGS**
Av. Osvaldo Aranha, 277
Fone: 3308-4022

► **Sala Alziro Azevedo**
(Brasil, 2009, 92 min), de Chaim Litewski
Fone: 3308-4318

► **Sala Fahrion**
Av. Paulo Gama, 110 – 2.º andar
Fone: 3308-3034

► **Sala Redenção**
Rua Luiz Englert, s/n.º
Fone: 3308-3933

► **Salão de Ato**
Av. Paulo Gama, 110
Fone: 3308-3600

► **Pça. Central do Câmpus do Vale**
Av. Bento Gonçalves, 9.500
Fone: 3308-3933

► **Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do IA/UFRGS**
Rua Senhor dos Passos, 248 – 1.º andar
Fone: 3308-4302

ESPECIAL

Fronteiras do Pensamento

Nessa 5.ª edição, o curso de altos estudos traz reflexões relacionadas à cultura, ao mundo e ao pensamento.

LYGIA DA VEIGA PEREIRA
Doutora em Ciências Biomédicas, é uma das mais renomadas geneticistas do mundo. Lygia fez parte do grupo que criou o primeiro camundongo transgênico do Brasil, produzindo modelos para o estudo de doenças genéticas. Conhecida por sua didática ao tratar do tema, é autora dos livros *Sequenciaram o genoma humano, e agora?* e *Clonagem: fatos e mitos*. Atualmente, é professora associada e chefe do Laboratório Nacional de Células-Tronco Embrionárias da USP.
Data: 22 de agosto
Local e horário: Salão de Ato, às 19h30min
Informações: 3019-2326

Conferências UFRGS

Ciclo de palestras, com entrada franca, que propõe a reflexão sobre o papel da universidade e do conhecimento na formação e na dinâmica evolutiva dos distintos sistemas sociais.

A REFORMA UNIVERSITÁRIA E SUAS IMPLICAÇÕES
Manoel André da Rocha, professor aposentado da Faculdade de Direito, aborda a Reforma Universitária e sua importância dentro do ambiente acadêmico.
Data: 14 de setembro
Local e horário: Sala Fahrion, às 19h
Entrada franca

TEATRO

9.ª Mostra Anual Universitária de Teatro: Teatro, Pesquisa e Extensão

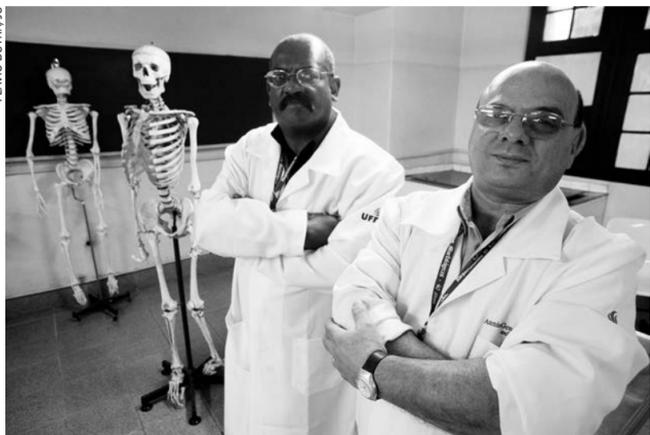
Mostra teatral organizada pelo Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes em parceria com as Pró-reitorias de Pesquisa e de Extensão que apresenta espetáculos selecionados entre as melhores produções dos alunos do curso de Teatro.

PT SAUDAÇÕES
No dia de seu aniversário, Dona Corina, confinada em sua própria solidão, recebe um telegrama. Para o carteiro, é apenas a última entrega de um dia exaustivo; para ela, a chance de romper com as grades do vazio que a aprisiona. Autor: Carlos Carvalho. Direção, criação de luz e cenário: Gyan Celah. Elenco: Camil Rosa, Gyan Celah, Nádia Campos Albino e Vanessa Brandeburski. Espetáculo originado na

disciplina Dramaturgia do Encenador, sob a orientação de Irion Nolasco.
Sessões: 14, 21 e 28 de setembro
Local e horário: Sala Alziro Azevedo, às 12h30min e às 19h30min
Entrada franca



Meu Lugar na UFRGS



FLÁVIO DUTRA/JU

Anatomia profissional

DA ENTRADA DO LABORATÓRIO de anatomia revelam-se, ao fundo, alunos de Medicina aglomerados em torno de algo que, atrás da massa de jalecos brancos, não está à vista. Ouve-se o professor, também invisível, falar em termos como “artérias intercostais” e “drenagem venosa”. Alguns estudantes estão de pé em cima de cadeiras para ver melhor o objeto de estudo. Nas paredes, quadros de aula para acompanhar a lição. Junto a elas, reproduções do esqueleto humano. Entre as mochilas que os alunos deixaram ao lado da porta, há um livro de anatomia que parece ter mais de mil páginas.

Isso é o que o olhar, esperto, capta primeiro, para evitar encarar as mesas de estudo daquele ambiente. Estão todas cobertas por um pano azul – mas as formas por baixo dele são inconfundíveis e revelam o que há ali, mesmo para o visitante que por ventura não soubesse que sala era aquela. O cheiro de formol está presente, mas não é forte. “A gente coloca desinfetante em cima do pano”, explica Toninho. “Fica bom de trabalhar e ter aula.”

“Se a aula das 21h terminar dez minutos mais tarde, não tem importância. O importante é sair daqui satisfeito e com a sensação de dever cumprido.”

Toninho é Antonio Generoso Severino, e “a gente” inclui seu colega Jorge de Moraes Moni, o Jorginho. Eles trabalham no laboratório de Anatomia do Departamento de Ciências Morfológicas, no Instituto de Ciências Básicas da Saúde. São responsáveis pela “qualidade e higiene do material anatômico”, de acordo com as normas de conduta do local. Participam das aulas práticas e já contribuíram para a formação de milhares de estudantes da Universidade.

Antonio entrou na UFRGS em 1972, por meio de um convite do professor Paolo Contu. Chefe do laboratório à época e amigo do pai de Toninho, o professor conhecia seu interesse por biologia e ofereceu-lhe uma bolsa pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Antonio trabalhou como auxiliar no Laboratório de Neuroanatomia e formou-se em Biologia, em 1984, na Pontifícia Universidade Católica (PUC). Desde 1990, é funcionário de nível superior.

Jorge começou a trabalhar na Universidade em 1977 como agente de portaria. No mesmo ano, foi aprovado em um concurso para técnico em anatomia e necropsia, função que exerce até hoje. Questionado sobre seu interesse pela anatomia, ele o atribui à curiosidade por trabalhar com cadáveres. “Comecei a trabalhar e gostei”, diz.

Nem todos os que entram no laboratório pela primeira vez o fazem com tal naturalidade. Eles contam que em todo início de semestre estudantes desmaiam ou saem da aula aos gritos – “Não quero mais fazer Medicina!”. Mas essa reação é a do primeiro dia. Depois, se acostumam.

As normas de conduta dentro do laboratório, que passaram a valer neste ano, fazem parte de uma reformulação no departamento, da qual participaram Antonio e Jorge. Elas estabelecem, entre outras coisas, que durante as aulas apenas a parte do corpo estudada deve ser exposta. O resto fica coberto. Como o Instituto Médico Legal (IML) deixou de fornecer cadáveres à Universidade, os que ali estão foram doados espontaneamente. “A gente precisa ter muito respeito. A pessoa doou o corpo para a pesquisa e para a Medicina”, observa Antonio.

No laboratório, estudam turmas dos cursos de Medicina, Biologia, Biomedicina, Farmácia, Odontologia, Fisioterapia, Enfermagem e Educação Física. Jorge conta que costuma chegar à Universidade às 6h30min. O horário dele é o mesmo das aulas. Se a última delas acabar às 21h, esse será o momento de ir embora. “Se o professor precisar de mim, não me custa ficar meia hora a mais. Se a aula das 21h terminar dez minutos mais tarde, não tem importância. O importante é sair daqui satisfeito e com a sensação de dever cumprido.” Uma rotina dessas não cansa? “Não, porque é prazeroso fazer o que eu gosto.” E para você, Antonio? “Eu sou biólogo. Gosto de tudo o que tem a ver com o corpo humano.”

João Flores da Cunha, estudante do 6.º semestre de Jornalismo da Fabico

Esta coluna resulta de uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas com as entrevistas aqui publicadas serão exibidos ao longo da programação do Canal 15 da NET diariamente, a partir das 20h10min.

Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local

Perfil

Everton Cardoso

A entrada na graduação em Artes Plásticas não poderia ter sido mais inusitada: sem ter certeza do que queria para o futuro profissional, Aldanei Areias prestou vestibular para acompanhar dois amigos que queriam estudar na UFRGS. Ela passou, eles não. Formou-se em 1975. “Em alguns momentos, até cheguei a pensar em mudar para a Comunicação ou para a Arquitetura”, relembra. Mas não trocou: “E assim fui ficando...”. Com dificuldade de encontrar trabalho, fazia apenas alguns freelances. Como não conseguia nada mais estável, aceitou o chamado de uma colega para substituí-la como bolsista por um mês no Setor de Audiovisual da Faculdade de Educação (Faced). Mas essa pessoa não voltou: “E eu fui ficando...”. Para poder manter a bolsa e continuar no trabalho, Aldanei chegou a pedir reingresso como aluna de Licenciatura, ainda nas Artes Visuais. Concluiu mais uma graduação, até que, enfim, a contrataram.

“Meu contrato na Universidade se fez como professora por acaso”, relata com seu característico bom humor. Isso porque a bolsa de trabalho no Setor Audiovisual – depois Central de Produções da Faculdade de Educação – fora transformada em um contrato como professora colaboradora – que hoje seria semelhante ao cargo de professor substituto. “Eu era, então, professora, mas não dava aula”, ressalva. “A situação se arrastou por anos. Um belo dia, morreu não sei quem e me chamaram para substituir. Fiquei indignada, pois não pedi para ser professora”, diverte-se. Aldanei, então, atuou como funcionária técnica na produção audiovisual até 1984, quando foi posta para lecionar uma disciplina introdutória para alunos da Escola de Educação Física (Esef). “No fim, até gostei de dar aula. Adorava me divertir com meus alunos”, brinca. E, mais uma vez meio que por acaso, era professora: “E eu fui ficando... fui ficando...”

À frente da Central de Produções da Faced, Aldanei desenvolveu o que seu marido chamava de “espírito de gincana”. “Sempre fui muito compulsiva, muito maluca para fazer as coisas”, explica. Em meados dos anos 80, cansava de virar a noite montando eventos, como ocorreu na preparação de uma exposição de trabalhos de pesquisa em Educação realizada no salão de festas da Reitoria. “Tínhamos nada de dinheiro e zero tempo. E, claro, eu inventei mil detalhes e coloquei meio mundo para fazer isso. Tivemos de montar tudo de madrugada. Pelas quatro da manhã, deu um estouro e faltou luz. Fomos embora, mas deixamos uma pessoa dormindo num sofá para nos avisar quando a energia voltasse. Mal cheguei em casa e tocou o telefone. De manhã, as pessoas iam chegando para o evento, e eu ainda descalça e trabalhando”, relembra.

O “espírito de gincana” de Aldanei era visto também em sua capacidade de organizar equipes e contornar adversidades como a impossibilidade de pagar horas-extras para aqueles que trabalhavam para cumprir as “tarefas”. Para compensar, a então coordenadora negociava folgas, mas essa flexibilidade não era compreendida pelos demais servidores e nem mesmo pela direção da Faculdade. Todos reclamavam que o setor era uma bagunça, mas ela “dava um jeito”, resolvia a situação e fazia valer o seu “espírito gincanesco”. “Na Central, atendíamos a Universidade inteira, produzindo material gráfico – que era a minha especialidade – e também filmagens e fotografias. Depois, fui chamada para montar setores semelhantes em outras unidades”, relata.

Perguntada sobre sua principal característica, Aldanei dispara: “Sou muito perfeccionista. Eu pintava cabecinha de



FLÁVIO DUTRA/JU

Quando a vida é uma gincana

Aldanei Areias

Incansável e perfeccionista, foi coordenadora da Central de Produções e depois professora na Faced

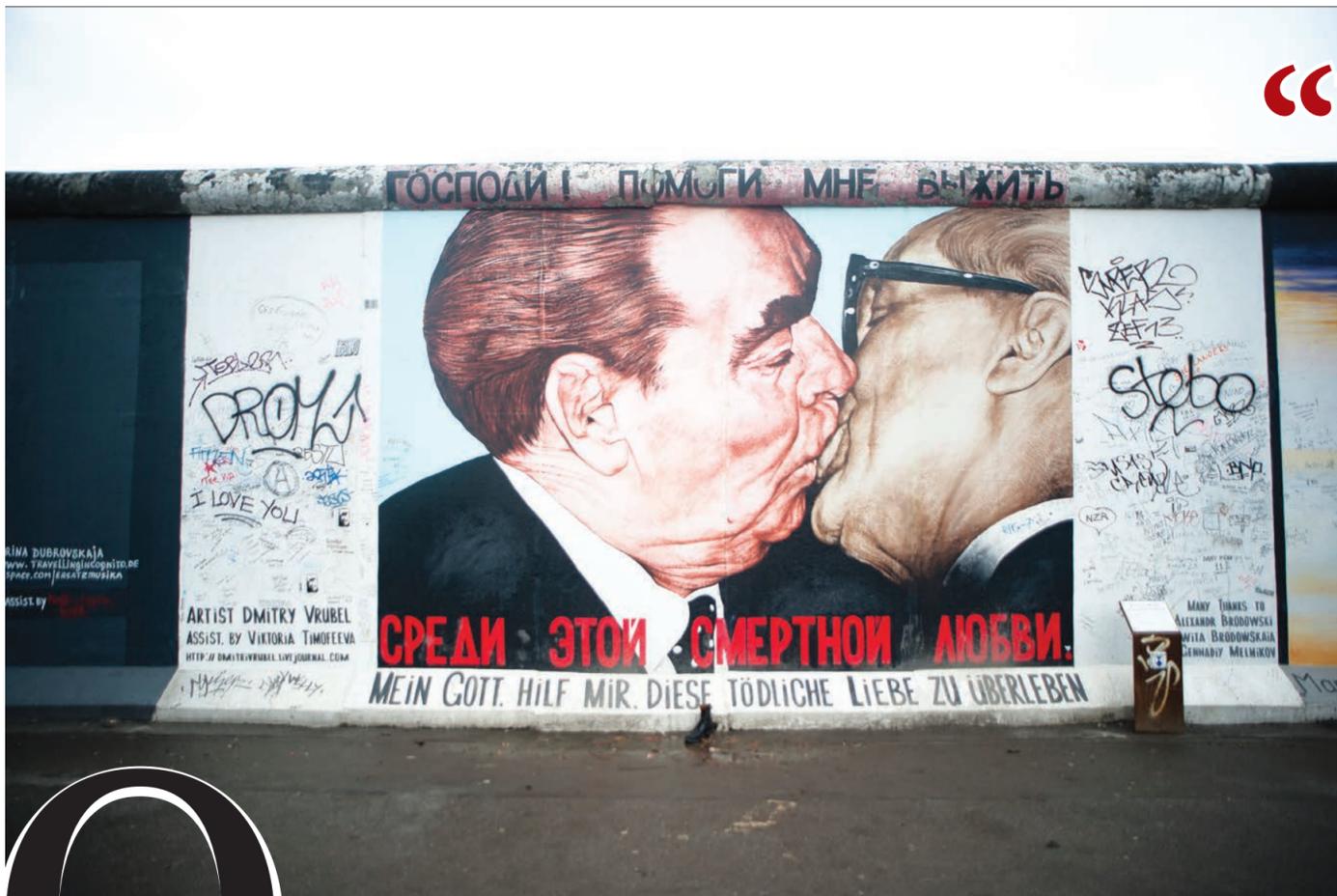
alfinete”. Solta uma gargalhada e depois reforça que não é nenhum exagero: ela pintou cabeças de alfinetes para combinar com o papel usado em um mural que elaborou na Faced. “Era para os alfinetes não ficarem brilhosos”, justifica. E acrescenta: “Ninguém faria isso, só a louca aqui. E eu cobrava o mesmo das outras pessoas”. Ela recorda-se de uma situação em que discutia com um colega e, depois de muitos gritos, ele perguntou: “Quem tu pensas que tu és? Deus?”. Respondeu: “Claro que não, pois já vi aquele cara cometer um monte de erros”, diverte-se. No fim dos anos 80, Aldanei aos poucos se afastou da Central de Produções: fora eleita vice-diretora da faculdade por acaso. “Entrei para só fechar a chapa, mas acabei eleita. Me apavorei!”, exclama. Em seguida, novamente o acaso lhe reserva mais dois mandatos consecutivos na chefia do seu Departamento. “Mais um aprendizado e tanto. Um convívio mais intenso com as questões da docência e com os colegas professores”, conclui. Depois disso, dedicou-se unicamente à docência: “Pude finalmente me concentrar em um só fazer, dedicando todo o meu tempo aos alunos –, sem ter de coordenar, dirigir, chefiar coisa alguma. Foi ótimo!”

Aldanei atendia os alunos do Instituto de Artes em sua prática de ensino; trabalhava no Departamento de Ensino e Currículo da Faced. Mas, claro, o “espírito de gincana” a acompanhou nessa empreitada também: “Quando os alunos de licenciatura chegam ao estágio é que

eles se dão conta que vão ser professores. Então, eu os incentivava, ia às escolas supervisionar, dava dicas, enfim, orientava”. Ela poderia ter-se aposentado em 2003, mas, como sempre, deixou-se levar pela vida: “E eu fui ficando...”

Aposentada desde março de 2010, ainda passou por um constrangimento inimaginável para quem frequentou o Câmpus Central por 34 anos: barraram sua entrada de carro no estacionamento. Mas ela conta que, de vez em quando, tem vontade de ir à UFRGS. “Quero reivindicar uma carteirinha de aposentada com direito a uma visita por mês pelo menos. Depois de passar uma vida na Universidade, não me deixam entrar. Acho o fim do mundo! Isso faz mal pra gente!”, esbraveja.

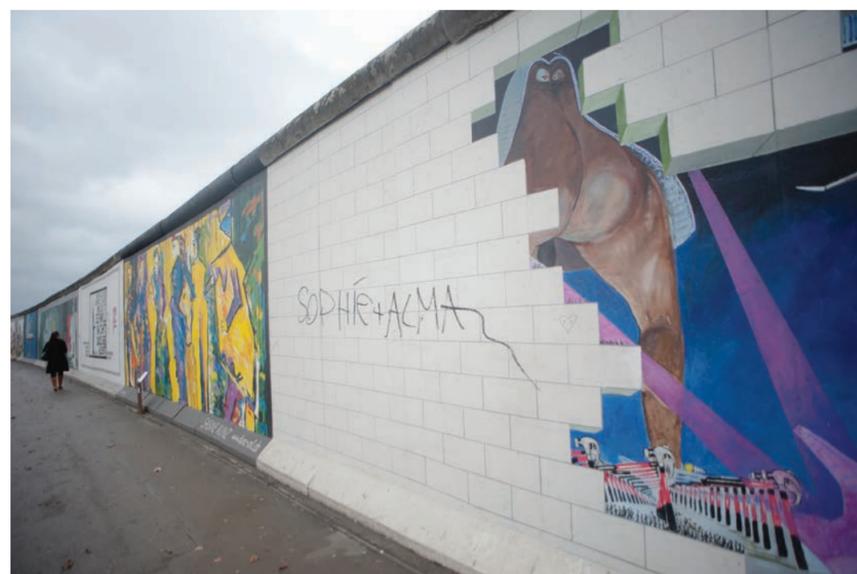
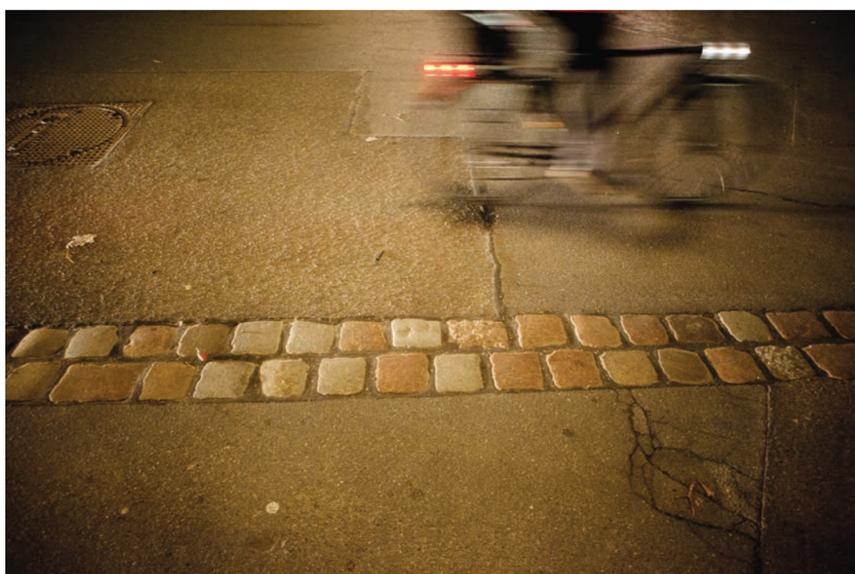
Hoje, a professora troca o dia pela noite: vai dormir às 7h da manhã e acorda às duas ou três da tarde. Dedicou-se a criar projetos de decoração de interiores para seus amigos e familiares. No gabinete de seu apartamento, pilhas de revistas sobre o assunto a ajudam com ideias para os trabalhos. Com seu irrequieto “espírito de gincana”, Aldanei improvisa suas plantas baixas com o PowerPoint – programa mais apropriado para fazer apresentações de slides – em vez de aprender a usar softwares específicos para desenho arquitetônico. Saudade? Ela diz ter nostalgia da infância, quando ia ao sítio da família em Florianópolis. Lá, usava o vestido da avó, fazia cílios postiços de papel e, claro, sempre organizava uma gincaninha com os primos.



O muro

TEXTO E FOTOS **FLÁVIO DUTRA**

50 anos



“**V**isando acabar com as atividades de constante agressão desenvolvidas pelos poderes militares e revisionistas baseados na Alemanha Ocidental, a República Democrática da Alemanha instituirá controles em suas fronteiras na cidade de Berlim da mesma maneira que se controla o trânsito de pessoas e mercadorias em qualquer estado soberano.” O anúncio feito pelo Conselho Ministerial da ex-Alemanha Oriental marcou o início da construção do muro de Berlim em 13 de agosto de 1961. De uma hora para outra, estradas foram bloqueadas, linhas de metrô interrompidas, estações de trem fechadas. Operários debruçaram rolos de arame farpado nos limites de um lado e outro e, nos dias seguintes, um muro de concreto começou a ser construído. Fachadas, portas e janelas de prédios que ficavam a leste, enquanto as calçadas em frente ficavam a oeste, foram bloqueadas e concretadas, se transformando nas primeiras paredes do muro. Moradores das regiões próximas começaram a ser evacuados. No leste, a justificativa era a segurança e a manutenção da paz; no oeste, números indicavam que o fluxo de imigração proveniente do setor soviético havia sido de 30 mil pessoas somente em julho de 1961. Nos anos seguintes, 165 quilômetros de fortificações foram erguidos, transformando os setores americano, francês e britânico da cidade em algo parecido com uma ilha em meio à Alemanha Oriental. Pela “paz”, os guardas do lado leste tinham ordens de atirar em qualquer um que tentasse escapar. Do domingo que marca o início da construção do muro até 9 de novembro de 1989, data da sua “queda”, 265 pessoas morreram assim. De outra maneira, as fugas aconteciam pelo uso das mais diferentes estratégias: balões caseiros, tirolesas, túneis, carros modificados. Andar por Berlim ainda é uma experiência na qual se vislumbra o que foi uma cidade dividida. Impossível não pensar *até aqui se podia ir, daqui pra lá não*, mesmo que o muro não mais exista. Fora o que foi preservado como memória, o que sobra dele são duas linhas de paralelepípedos que desenham o lugar onde um dia esteve. Na Alemanha, uma das tarefas da reunificação foi fazer com que as marcas da divisão leste-oeste fossem apagadas rapidamente. Apagadas, mas não esquecidas.